

LUGARES EM PERDA RESTOS Y RASTROS

Rui Braz Afonso
Gregorio Vázquez Justel
Miguel Martín Hernández

prólogo
João Ferrão

introdução
Juan Luis de las Rivas
Luís S. Viegas

coleção
landscape in translation

Coleção | Series

Landscape in Translation

Direção | Direction

Rui Braz Afonso

Coordenação científica | Scientific coordination

Daniela Ladiana

Conselho Científico Consultor | Scientific committee

Juan Carlos Arnuncio

Alessandro Balducci

Tiziana Basiricò

João Bernardo

Ignacio Bosch

João Castro Caldas

Giovanni Carrosio

Pedro Guedes de Carvalho

Domenico Costantino

Alessandro Dal Piaz

Alexandra Gesta

Teresa Heitor

Arturo Lanzani

Lorenzo López Trigal

Julian Mora Aliseda

Marco Mulazzani

Virgílio Borges Pereira

Giorgio Piccinato

Juan Luis de las Rivas Sanz

Luis Santos y Ganges

Domingos Vaz

Coordenação Editorial | Editorial committee

Rui Braz Afonso

Teresa Calix

Daniela Ladiana

José Miguel Rodrigues

A Coleção “LANDSCAPE IN TRANSLATION” que teve origem na linha de pesquisa internacional “Paisagem em Translação para o Governo da Transição” com base no grupo MDT-Morfologias e Dinâmicas do Território do CEAU-FAUP, e nos protocolos de investigação estabelecidos entre os organismos de pesquisa em arquitetura e urbanismo das Universidades de Valladolid, Enna Kore, e Chieti-Pescara, propõe textos que desenvolvem reflexões teóricas, metodológicas e operativas centradas na temática das transformações físicas, económicas e sociais dos territórios e das implicações dessas dinâmicas na qualidade da paisagem. O objetivo da coleção é fomentar o diálogo interdisciplinar em torno do tema da relação entre pequenos e grandes assentamentos urbanos e as áreas rurais circundantes e, em particular, das dinâmicas de transformação das cidades, vilas e aldeias em relação ao seu contexto, uma realidade cada vez mais caracterizada pelos fenómenos da globalização.

The “LANDSCAPE IN TRANSLATION” series originating from the international research line “Landscape in Translation—For the Government of the Transition” based on the MDT-Morphologies and Dynamics of the Territory research group at CEAU-FAUP, and the research protocols established among the research entities in architecture and urban planning of the Universities of Valladolid, Enna Kore, and Chieti-Pescara, proposes texts that develop theoretical, methodological and operational reflections focused on the theme of physical, economic and social transformations of the territories and on the implications of these dynamics on the quality of the landscape. The purpose of the series is to foster interdisciplinary dialogue around the theme of the relationship between small and large urban settlements and the surrounding rural areas and in special, of the dynamics of transformation of cities, towns and villages in relation to their context. in a reality increasingly characterized by the phenomena of globalization.

Esta publicação, que é o quarto volume da Coleção “LANDSCAPE IN TRANSLATION” do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, recolhe os resultados da pesquisa “Povoamento e Paisagem”, desenvolvida no âmbito da linha de investigação interuniversitária “LANDSCAPE IN TRANSLATION—For the Government of the Transition”, com base no grupo MDT-CEAU—Morfologias e Dinâmicas do Território do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo.

Os livros publicados nesta coleção são submetidos a peer-review.

Books Published in this series are peer-reviewed.

1ª edição: 2023

Depósito legal: 523920/23

ISBN 978-989-8527-40-0



© Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00145/2020

LUGARES EM PERDA RESTOS Y RASTROS

Rui Braz Afonso
Gregorio Vázquez Justel
Miguel Martín Hernández

prólogo
João Ferrão

introdução
Juan Luis de las Rivas Sanz
Luís S. Viegas

CEAU | Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

IUU | Instituto Universitario de Urbanística
Universidad de Valladolid

Coordenador Científico
Rui Braz Afonso (FAUP)

Responsável Editorial
Rui Braz Afonso

Projecto Gráfico
Rafael Sousa Santos

Desenho Capa
Rafael Sousa Santos

Tradução
Victor Ferreira
Pedro Sousa

Impressão e Acabamento
Multitema

Lugares em Perda
Restos y Rastros

SUMÁRIO

10	44
Prólogo	Principales intenciones del viaje
João Ferrão	Gregorio Vázquez Justel
18	68
Premissa	Lugares em Perda na Raya Seca
Rui Braz Afonso	Vidas e Paisagens
	Rui Braz Afonso
26	80
Introdução	Restos y Rastros
Juan Luis de la Rivas Sanz	Miguel Martín Hernández
Luís S. Viegas	

PRÓLOGO
João Ferrão

PREMISSA
Rui Braz Afonso

INTRODUÇÃO
Juan Luis de la Rivas Sanz
Luís S. Viegas

PRÓLOGO

João Ferrão

*Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Lisboa*

Em busca de lugares perdidos, talvez pudesse ser um outro título deste livro. Mas perdidos por quê? Perdidos no sentido do “tempo perdido” de Proust, isto é, porque correspondem a um mundo em desaparecimento, e por isso cada vez mais transformado em memória, fruto do embate assimétrico entre modernidade e tradição? Perdidos no sentido dos “mundos perdidos” tão presentes na literatura e no cinema, ou seja, porque, tendo permanecido desconhecidos durante muito tempo, ao serem descobertos suscitam curiosidade e fascínio? Ou perdidos no sentido popular e comum de “estar perdido”, quer dizer, desaparecido (lugares sem visibilidade), desorientado (lugares sem referências) ou condenado (lugares cuja decadência é inevitável)?

Na verdade, este livro leva-nos a uma viagem por vários lugares, todos eles em perda, mas por razões diferentes e com intensidades distintas. Uns associam-se ao tempo perdido de Proust, outros aos mundos perdidos da literatura e do cinema, outros ainda aos significados populares usualmente atribuídos à condição de perdido. Mas, no seu conjunto, os lugares visitados refletem um universo mais amplo e diversificado.

Para essa visita contamos com três guias. Os dois primeiros, Rui Braz Afonso e Gregorio Vázquez Justel, explicam os motivos da pesquisa realizada, identificam os estudos de caso

analisados, sistematizam os resultados obtidos e sugerem linhas de reflexão e ação em prol da reativação de lugares em perda localizados em áreas rurais. São guias lúcidos na análise crítica que efetuam, incisivos na rejeição de qualquer tipo de fatalismo, assertivos quanto à necessidade de atribuir uma nova centralidade simbólica e funcional a lugares em perda como os que nos levam a visitar. O terceiro guia, Miguel Martín, conduz-nos por vários lugares através de mais de 60 magníficas fotografias.

É, pois, uma visita de luxo que nos é proposta, onde ciência e arte, texto e imagem, conhecimento e emoções, se entrecruzam proficuamente, contribuindo para um melhor entendimento deste mundo em perda, tanto em termos de trajetória, reconhecível através dos sulcos e rastros hoje visíveis, como em relação a vários futuros, uns expectáveis, mas indesejáveis, outros improváveis, mas ambicionados. A visita não ignora as situações de deslaçamento e regressão presentes nestes lugares em perda, mas também não prescinde de transmitir ao visitante-leitor mensagens de sonho e de esperança, tão bem sintetizadas na palavra espanhola *ilusión*.

Como em qualquer visita guiada, é o olhar que nos é sugerido que faz a diferença. Os dois textos iniciais são claros acerca da lente através da qual os autores olham para este mundo em perda, aqui

ilustrado por onze povoações (oito em Espanha e três em Portugal) localizadas, na sua maioria, na região transfronteiriça entre os rios Douro e Tejo. É uma lente baseada numa constelação de conceitos, eles próprios em perda no contexto académico ou, pelo menos, longe do seu período áureo: modo de vida, paisagem, espírito do lugar, sentimento de pertença à comunidade. É recorrendo a esta lente que os autores nos vão conduzir na busca de repostas para uma questão central: como interpretar os restos e os vestígios dos lugares em condição de perda, para a partir de aí formular estratégias capazes de os reativar através de novas procuras que reconheçam e apreciem o valor de “lugares únicos”?

A visita guiada tem um percurso. O ponto de partida é o reconhecimento do “desatendimento, desproteção e descuidamento” de que os lugares a visitar têm sido vítimas. E, como consequência, do sentimento de abandono, esquecimento e perda de utilidade que se instala nestas comunidades, nestes perdedores do progresso.

À medida que caminhamos vão-nos sendo revelados os fatores de abandono desses lugares e de perda de reconhecimento do seu valor, por parte tanto dos residentes que aí permanecem como dos ausentes, nomeadamente, os que decidiram emigrar em busca de melhores condições de vida. Compreendidos os processos

que levam ao abandono e à desvalorização destes lugares em perda, facilmente identificamos os seus efeitos em termos de transformação predadora dos modos de povoamento e de ocupação do solo, de dissociação crescente entre modo de vida e paisagem, de diluição do espírito do lugar, de desaparecimento do sentimento de pertença a uma mesma comunidade.

A visita de um leque diversificado de lugares permite, no entanto, realçar que, embora todos estejam em perda, ocorrem situações bastante diversificadas, num gradiente de realidades pontuável por algumas categorias-tipo. A partir das apreciações dos nossos guias e da minha própria interpretação enquanto visitante-leitor, destaco cinco tipos de lugares.

Num extremo, os *lugares-ruína*, abandonados, vazios, esquecidos, em suma, vencidos pela decadência. Com um processo de esvaziamento idêntico, mas com uma valorização posterior baseada no património material e material existente, salientam-se os *lugares-memória*, espaços “embalsamados”, recorrendo a uma expressão Gregorio Vázquez Justel, reinventados a partir de fora como cenários de contemplação e visita, transformados, no limite, em meros parques temáticos para fruição turística.

Caminhando tendencialmente para uma das categorias anteriores, mas sobretudo para a primeira delas, encontramos os *lugares sobreviventes*, ou seja, povoações que, embora revelem alguns fatores de persistência, parecem ter uma morte económica e demográfica anunciada caso não ocorram processos de reativação e reversão.

Por último, existem lugares onde foi possível desacelerar, estancar ou até inverter parcialmente as dinâmicas de perda demográfica e económica. Nuns casos, porque souberam resistir e, mais do que isso, reconstruir relações virtuosas entre modo de vida e paisagem (*lugares regenerativos*). Noutros, porque optaram por lógicas de modernização, que desencadearam transformações com resultados positivos do ponto de vista da atração de residentes e do crescimento económico, mas que implicaram a destruição dos modos de vida, paisagens e formas de convivialidade anteriormente prevalecentes (*lugares metamorfoseados*).

A visita guiada está, pois, a chegar ao fim. O trajeto percorrido é em certa medida circular, já que o ponto de chegada confina com o de partida. Este frente-a-frente relembra-nos a razão de ser da viagem efetuada: o reconhecimento do “desatendimento, desproteção e descuidamento” de que têm sido vítimas lugares em perda como

os que visitámos, e a consequente necessidade de combater e inverter os fatores de degradação identificados. E reaviva a nossa memória em relação à questão inicial: como interpretar os restos e os vestígios dos lugares em condição de perda, para a partir de aí formular estratégias capazes de os reativar através de novas procuras que reconheçam e apreciem o valor de “*lugares únicos*”?

Com este propósito, os autores que nos guiaram nesta visita apresentam várias sugestões. Em primeiro lugar, a necessidade de se adotar um olhar integrado e agregador capaz de aglutinar as diversas “forças vivas” em torno da valorização do território no seu todo enquanto objetivo comum.

Depois, o reconhecimento de que apenas através da construção de paisagens produtivas ou com finalidades lúdicas, que funcionem como elementos de articulação efetiva entre a organização social e as condições de suporte da vida humana, entre espaços de vida e espaços de trabalho, é possível dar sentido e sustentabilidade aos modos de vida estabelecidos.

Em terceiro lugar, a afirmação de que, nesta perspetiva, cuidar a paisagem é uma condição essencial para manter vivas as suas dimensões produtiva e lúdica.

Finalmente, a convicção de que é imperioso passar a atuar sobre a procura, e não sobre ofertas mais ou menos imaginadas, o que implica levar em consideração o facto de muitas vezes serem sobretudo os “ausentes presentes” quem mais valoriza os elementos caracterizadores dos lugares e, por isso, quem mais cuida dos fatores que lhes garantem diferenciação e distinção, tornando-os “lugares únicos”.

Aqui chegados, os visitantes-leitores estarão certamente bem mais preparados para corresponder ao apelo lançado pelos autores, no sentido de aumentarmos a nossa capacidade de ação reflexiva em relação à diversidade de lugares hoje em perda num mundo rural em profunda transformação.

Em suma, este é um livro cujos textos encantam enquanto nos ensinam e cujas fotografias ensinam enquanto nos encantam. Os capítulos de enquadramento e as imagens e respetivas legendas complementam-se e reforçam-se de tal modo, que o visitante-leitor não pode deixar de agradecer o muito que aprenderam com esta viagem guiada por lugares em perda, mas não irremediavelmente perdidos.

PRÓLOGO

João Ferrão

*Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Lisboa*

“En búsqueda de lugares perdidos”, quizás pudiera ser otro título de este libro. Pero perdidos ¿por qué? Perdidos en el sentido del “tiempo perdido” de Proust, es decir, porque corresponden a un mundo en desaparición, y por eso cada vez más transformado en memoria, ¿fruto del choque asimétrico entre modernidad y tradición? Perdidos en el sentido de los “mundos perdidos” tan presentes en la literatura y en el cine, es decir, porque, habiendo permanecido desconocidos durante mucho tiempo, ¿al descubrirse suscitan curiosidad y fascinación? O perdidos en el sentido popular y común de “estar perdido”, o sea, ¿desaparecido (lugares sin visibilidad), desorientado (lugares sin referencias) o condenado (lugares cuya decadencia es inevitable)?

En verdad, este libro nos lleva a un viaje por distintos lugares, todos ellos en pérdida, pero por motivos diferentes y con intensidades distintas. Unos se asocian al tiempo perdido de Proust, otros a los mundos perdidos de la literatura y del cine, y otros a los significados populares que se suelen atribuir a la condición de perdido. Pero, en su conjunto, los lugares visitados reflejan un universo más amplio y diversificado.

Para esa visita, contamos con tres guías. Los dos primeros, Rui Braz Afonso y Gregorio Vázquez Justel, explican los motivos de la investigación llevada a cabo, identifican los estudios de caso analizados, sistematizan los resultados obtenidos y sugieren pistas de reflexión y acción en favor de la reactivación de lugares en pérdida ubicados en áreas rurales. Son guías lúcidos en el análisis crítico que realizan, incisivos en el rechazo de todo tipo de fatalismo, asertivos en cuanto a la necesidad de atribuir una nueva centralidad simbólica y funcional a lugares en pérdida como los que nos llevan a visitar.

El tercer guía, Miguel Martín, nos conduce por distintos lugares por medio de más de 60 magníficas fotografías.

Es, por lo tanto, una visita de lujo que se nos proponen, donde ciencia y arte, texto e imagen, conocimiento y emociones, se entrecruzan de manera provechosa, contribuyendo a un mejor entendimiento de este mundo en pérdida, tanto en términos de trayectoria, reconocible por medio de los restos y rastros hoy visibles, como con relación a varios futuros, unos previstos, pero indeseables, otros improbables, pero esperados. La visita no omite las situaciones de desplazamiento y regresión presentes en estos lugares en pérdida, pero también no prescinde de transmitirle al visitante-lector mensajes de sueño y de esperanza, los que se sintetizan tan bien en la palabra española *ilusión*.

Tal y como en toda visita guiada, es la mirada que se nos sugiere que hace la diferencia. Los dos textos iniciales son claros acerca de la lente por la que los autores miran este mundo en pérdida, que aquí se ilustra por medio de once pueblos (ocho en España y tres en Portugal) ubicados, sobre todo, en la región transfronteriza entre los ríos Duero y Tajo. Se trata de una lente basada en una constelación de conceptos, ellos mismos en pérdida en el contexto académico o, al menos, lejos de su período áureo: estilo de vida, paisaje, espíritu del lugar, sentimiento de pertenencia a la comunidad. Los autores recurren a esta lente para conducirnos en la búsqueda de respuestas para una pregunta central: ¿cómo interpretar los restos y los rastros de los lugares en situación de pérdida, para, a partir de ahí, elaborar estrategias capaces de reactivarlos por medio de nuevas demandas que reconozcan y aprecien el valor de “lugares únicos”?

La visita guiada tiene un recorrido. El punto de salida

es el reconocimiento de la “desatención, desprotección y descuidado” de que han sido víctimas los lugares a visitar. Y, como consecuencia, del sentimiento de abandono, olvido y pérdida de utilidad que se instala en estas comunidades, en estos perdedores del progreso.

A medida que caminamos, se nos van a revelar los factores de abandono de esos lugares y de pérdida de reconocimiento de su valor, por parte sea de los habitantes que ahí permanecen, sea de los ausentes, en especial, los que decidieron emigrar en búsqueda de mejores condiciones de vida. Comprendidos los procesos que llevan al abandono y a la depreciación de estos lugares en pérdida, identificamos fácilmente a sus efectos en cuanto a la transformación predatoria de los modos de asentamiento y de ocupación del territorio, de disociación creciente entre estilo de vida y paisaje, de dilución del espíritu del lugar, de desaparecimiento del sentimiento de pertenencia a una misma comunidad.

Sin embargo, la visita de una gama diversificada de lugares permite resaltar que, aunque todos estén en pérdida, ocurren situaciones bastante diversificadas, en un gradiente de realidades puntuable por algunas categorías tipo. Desde los análisis de nuestros guías y de mi propia interpretación como visitante-lector, señalo cinco tipos de lugares.

En un extremo, los *lugares-ruina*, abandonados, vacíos, olvidados, en resumen, derrotados por la decadencia.

Con un proceso de vaciamiento idéntico, pero con una valoración posterior basada en el patrimonio material y material existente, se subrayan los *lugares-memoria*, espacios “embalsamados”, recurriendo a una expresión Gregorio Vázquez Justel, reinventados desde fuera como

escenarios de contemplación y visita, transformados, en el límite, en meros parques temáticos para disfrute turístico.

A caminar tendencialmente hacia una de las categorías anteriores, pero sobre todo hacia la primera de ellas, encontramos los *lugares supervivientes*, es decir, pueblos que, aunque revelen algunos factores de persistencia, parecen tener una muerte económica y demográfica anunciada si no ocurren procesos de reactivación y reversión.

Por último, existen lugares donde fue posible desacelerar, frenar o hasta invertir parcialmente las dinámicas de pérdida demográfica y económica. En algunos casos, porque supieron resistir y, más que eso, reconstruir relaciones virtuosas entre estilo de vida y paisaje (*lugares regenerativos*). En otros, porque optaron por lógicas de modernización, que desencadenaron transformaciones con resultados positivos desde el punto de vista de atracción de habitantes y del crecimiento económico, pero que involucraron la destrucción de los estilos de vida, paisajes y formas de convivialidad anteriormente prevalecientes (*lugares metamorfoseados*).

La visita guiada está, por lo tanto, llegando a su fin. El trayecto recorrido es en cierta medida circular, ya que el punto de llegada corresponde a lo de salida. Este frente-a-frente nos recuerda la razón de ser del viaje realizado: el reconocimiento de la “desatención, desprotección y descuido” de que han sido víctimas los lugares en pérdida como los que hemos visitado, y la consecuente necesidad de combatir e invertir los factores de degradación que se han identificado. Además, reaviva nuestra memoria con relación a la cuestión inicial: ¿cómo interpretar los restos y los rastros de los lugares

en situación de pérdida, para, desde ahí, elaborar estrategias capaces de reactivarlos por medio de nuevas demandas que reconozcan y aprecien el valor de “lugares únicos”?

Con este propósito, los autores que nos guiaron en esta visita presentan distintas sugerencias. En primer lugar, la necesidad de adoptar una mirada integrada y agregador capaz de aglutinar las distintas “fuerzas vivas” en torno a la valoración del territorio en su conjunto como objetivo común.

Después, el reconocimiento de que solamente por medio de la construcción de paisajes productivos o con finalidades lúdicas, que funcionen como elementos de articulación efectiva entre la organización social y las condiciones de apoyo a la vida humana, entre espacios de vida y espacios de trabajo, es posible dar sentido y sostenibilidad a los estilos de vida establecidos.

En tercer lugar, la afirmación de que, en esta perspectiva, cuidar del paisaje es una condición esencial para que se mantengan vivas sus dimensiones productiva y lúdica.

Finalmente, la convicción de que es imperativo empezar a actuar sobre la demanda, y no sobre ofertas más o menos imaginadas, lo que implica llevar en cuenta el hecho de que a menudo son sobre todo los “ausentes presentes” quienes valoran más los elementos que caracterizan los lugares y, por ello, quienes cuidan más de los factores que les garantizan diferenciación y distinción, transformándolos en “lugares únicos”.

Al llegar aquí, los visitantes-lectores por supuesto estarán mejor preparados para corresponder al llamamiento de los autores, para que incrementemos nuestra capacidad de acción reflexiva con respeto a la

diversidad de lugares hoy en pérdida en un mundo rural en profunda transformación.

En resumen, este es un libro cuyos textos encantan mientras que nos enseñan y cuyas fotografías enseñan mientras que nos encantan. Los capítulos de encuadramiento y las imágenes y sus leyendas se completan y se refuerzan de tal manera que el visitante-lector no puede dejar de agradecer lo mucho que ha aprendido con este viaje guiado por lugares en pérdida, pero no irremediabilmente perdidos.

PREMISSA

Rui Braz Afonso

*Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

A CONDIÇÃO DE INTERIOR

O abandono da ideia de vida sã em ambiente sã levou a que a miragem do progresso asfixiasse as aspirações de quem não seguiu a linha vencedora, criando sensação de perda a quem resistiu. A cidade “*land of opportunity*” como diz David Byrne e “*land of diversity*”, que durante a revolução industrial afirmou as suas qualidades, ainda que em condições de consumo excessivo de recursos e paradigmas, criou bolsas de atração com bolsas de repulsão.

A situação é antiga na península ibérica, como explicou a seu tempo Miriam Halpern Pereira, ressaltando as “assimetrias de crescimento” estimuladas pela atração do mar desconhecido e do “*el dorado*” prometido. Restos que são vestígios de uma vida sofrida, com esperança e com *ilusión*, que um dia olhou finalmente para terra, e “ei-los que partem, novos e velhos, buscando a sorte noutras paragens...”

E quando tornam, querem “bem-estar”, querem o que os “*compagnon*” e os *media* inculcam. E por “efeito demonstração” querem o que nunca tiveram, mas viram outros ter. E então com justificado espírito de revolta, querem fazer o “Rossio na Betesga”. Mas não cabe. E as origens rebentam, ficam sujeitas a um processo de substituição circunstancial que provoca uma mistura de culturas em que vence a que é

suportada pelos consumos de massa. A que “os meninos gostam”.

E o mundo rural acaba transformando-se em um mundo em que o imaginário do real oprime o real, em que as imagens não são representações da realidade mas antes mostram uma espécie de segunda realidade, a imagem da imagem, como diz Thomas Ruff. E o imaginário colectivo forma uma nova imagem em que o mundo rural já só serve de cenário para actividades celebrativas de uma identidade perdida, que muitas vezes roça o ridículo.

E então surge o problema fundador. Como conjugar antigo e novo? Onde está a linha que nos separa da Disneylandia, como diz Wim Wenders. Que dizer da linha de contacto? Que atitude tomar? Vale a pena formular a pergunta? Porquê assim? Vale a pena o realismo representativo? De um passado “inventado”? Para satisfazer a “procura”? Não era mais sério actuar sobre a procura em vez de ser sempre sobre a oferta imaginável? Esta foi a motivação deste trabalho. Interpretar os restos e os vestígios dos lugares em condição de perda, para entender a procura. Para combater a fossilização do passado ou a sua disneylização -conversão em parque temático.

REGISTAR OS CASOS EM ESTUDO

Procedeu-se a uma delimitação dos “tipos” considerados interessantes para o estudo, que decorreu entre o solstício do verão de 2022 e o equinócio do outono de 2023, seleccionando um conjunto inicial de lugares em perda nos territórios fronteiriços, a partir de várias jornadas de trabalho de campo abrangendo a área da *Raya Seca*, definida como os territórios fronteiriços entre Douro e Tejo. Foram assim seleccionados seis tipos de “eixos temáticos”, como:

Lugares com vida humana mas sem campo para o trabalho agrícola, sendo os residentes idosos e em condição de reforma; Lugares cuidados com vida humana e com tratamento da paisagem produtiva na área, que contribui para a sua sobrevivência, desenvolvendo ações que tendem a melhorar o bem estar; Lugares em que a população foi substituída por sistemas de acolhimento para forasteiros em demanda da “identidade perdida” em ambiente naturalístico; Lugares em ruína e abandono, os “lugares malditos”, esqueletos de pedra sem vida mas com memória; Lugares onde o domínio do território é determinante, em alguns casos “destruir para viver” e em outros para “sobreviver”; Paisagens agredidas em “nome do progresso”.

A escolha dos lugares em perda foi determinada durante diversas jornadas de trabalho de campo, nas quais se procurou identificar quais as características decisivas no processo de abandono e perda de reconhecimento de valor por parte dos residentes e dos ausentes, o que conduziu à definição de uma grelha de caracterização que permitisse uma observação orientada aos elementos constituintes do problema do abandono e perda de valor.

A partir das impressões registadas, em notas e em imagem, foi possível estabelecer um ábaco de condições que a perda assume em cada lugar, procurando construir uma trama de situações que de algum modo representem o fenómeno nos territórios da *Raya Seca*. De um vasto conjunto de situações observadas, foram seleccionados seis casos “tipo”, com escolha relativa ao processo de perda de valor identificado, dando especial atenção aos fenómenos que acabam limitando as iniciativas e as vontades de restabelecimento de reconhecimento ou de resistência ao abandono, e à relação de cada lugar com a paisagem de pertinência como condição de manutenção dos modos de vida e consequentemente de criação de melhores condições de resistência à tendência para a perda de valor.

Orientou-se o trabalho de pesquisa para a caracterização dos elementos que definem as condições de vida em cada lugar procurando interpretar a sua forma de interrelação e interação definidora dos modos de vida, e do “espírito do lugar”, o que permite que seja considerado um “lugar único”, com qualidades especiais que se identificam associadas a um lugar. Esta é a condição que cria valor, não só por contribuir para o lugar ser reconhecido como “único” mas também porque fomenta a autoestima dos residentes e não residentes o que constitui um factor decisivo para o fortalecimento e restabelecimento do sentido de pertença ao lugar, e para a defesa das condições de vida tradicionais, ainda que transformadas em função de novas exigências, mas de forma conciliadora com as expectativas resultantes da ideia de “lugar único” e “autêntico”.

A ideia de trabalho adensou-se num encontro sobre “*Paysajes Activos: Imágenes del Medio Rural de la Europa Meridional*” organizado pelo Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid, no início de 2022, onde os participantes nesta pesquisa, a partir do debate então havido, formularam uma hipótese de encontro de intenções e objectivos que permitia ver com “outros olhares” as temáticas que cada um vinha trabalhando e desenvolvendo nos seus Centros de Estudos.

Os temas discutidos naquele encontro, coordenado por Miguel Fernández Maroto e Mario Paris, colocaram questões que suscitaram uma inquietação sobre a condição de *desatendimento* a que tantos lugares da *Raya Seca* têm vindo a ser submetidos e os membros desta equipa de pesquisa, que então se forjou, iniciaram a esboçar linhas de orientação para a consolidação de um trabalho de pesquisa.

A colaboração de Gregório Vásquez Justel com o CEAU, tendo como elemento de referência Rui Braz Afonso coordenador da Linha de Investigação “Povoamento e Paisagem” do grupo Morfologias e Dinâmicas do Território, com diversos trabalhos publicados sobre a temática em estudo, recolheu com Miguel Martin Hernández as primeiras impressões no território em observação, delineando um projecto que ganhou forma durante a primavera de 2022, e que se consolidou depois durante o solstício de verão, e que teve em atenção o decorrer sazonal do tempo nos lugares escolhidos.

Logo surgiram as primeiras imagens e os primeiros debates internos, passeando os Lugares em Perda, vendo, olhando, o que permitiu definir os “eixos temáticos” que foram aglutinadores do registo que constitui a essência deste trabalho, que agora no equinócio de outono de 2023, se publica como quarto volume da Colecção

Landscape in Translation do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

PREMISA

Rui Braz Afonso

*Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

LA CONDICIÓN DE INTERIOR

Abandonar la idea de una vida sana en un ambiente sano llevó a que el espejismo del progreso asfixiara las aspiraciones de quienes no siguieron la línea ganadora, creando una sensación de pérdida en aquellos que resistieron. La ciudad “*land of opportunity*” en palabras de David Byrne y “*land of diversity*”, que durante la revolución industrial hizo valer sus cualidades, incluso en condiciones de consumo excesivo de recursos y paradigmas, creó focos de atracción con focos de repulsión.

La situación en la Península Ibérica es antigua, como explicó en su momento Miriam Halpern Pereira, subrayando las “asimetrías de crecimiento” estimuladas por la atracción del mar desconocido y del prometido “*el dorado*”. Restos que son vestigios de una vida sufrida, con esperanza y con *ilusión*, que un día miró por fin a tierra, y “*ei-los que partem, novos e velhos, buscando a sorte noutras paragens...*”.

Y, cuando vuelven, quieren “bien-estar”, quieren lo que los “*compagnon*” y los *media* inculcan. Y, por “efecto demostración”, quieren lo que nunca tuvieron pero han visto a otros tener. Entonces, con justificado espíritu de revuelta, quieren poner el “*Rossio na Betesga*”. Pero no cabe. Y los orígenes revientan, quedan sujetos a un proceso de sustitución circunstancial que provoca una mezcla de culturas en la que gana la sustentada por el consumo de masas. La que “gusta a los niños”.

Y el mundo rural acaba transformándose en un mundo en el que el imaginario del real oprime lo real, en el que las imágenes no son representaciones de la realidad, sino que muestran una especie de segunda realidad,

la imagen de la imagen, como dice Thomas Ruff. Y el imaginario colectivo forma una nueva imagen en la que el mundo rural ya solo sirve de escenario para actividades conmemorativas de una identidad perdida, que a menudo roza el ridículo.

Surge entonces el problema fundador. ¿Cómo conjugar lo antiguo y lo nuevo? Dónde está la línea que nos separa de Disneyland, como dice Wim Wenders. ¿Qué decir de la línea de contacto? ¿Qué actitud tomar? ¿Vale la pena formular la pregunta? ¿Por qué así? ¿Vale la pena el realismo representativo? ¿De un pasado “inventado”? ¿Para satisfacer la “demanda”? ¿No sería más serio actuar sobre la búsqueda en vez de hacerlo siempre sobre la oferta imaginable? Esta ha sido la motivación de este trabajo. Interpretar los restos y los vestigios de los lugares en condición de pérdida, para entender la búsqueda. Para combatir la fosilización del pasado o la disneyficación-conversión en parque temático.

REGISTRAR LOS CASOS EN ESTUDIO

Se procedió a una delimitación de los “tipos” considerados interesantes para el estudio, que tuvo lugar entre el solsticio de verano del 2022 y el equinoccio del otoño del 2023, seleccionando un conjunto inicial de lugares en pérdida en los territorios fronterizos, partiendo de varias jornadas de trabajo de campo que abarcaron el área de la *Raya Seca*, definida como los territorios de frontera entre el Duero y el Tajo. Así, han sido seleccionados seis tipos de “ejes temáticos” como:

Lugares con vida humana, pero sin campo para el trabajo agrícola y, por lo tanto, personas mayores y en condición de jubilación; Lugares cuidados con vida humana y con tratamiento del paisaje productivo en el

área, que contribuye a su supervivencia, desarrollando acciones que tienden a mejorar el bienestar; Lugares en los que la población ha sido sustituida por sistemas de acogida de forasteros en busca de la “identidad perdida” en entorno natural; Lugares en ruina y abandono, los “lugares malditos”, esqueletos de piedra sin vida, pero con memoria; Lugares donde el dominio del territorio es determinante, en algunos casos “destruir para vivir” y, e en otros, para “sobrevivir”; Paisajes agredidos en “nombre del progreso”.

La selección de los lugares en pérdida fue determinada durante unas jornadas de trabajo de campo, en las cuales se intentó identificar las características decisivas en el proceso de abandono y pérdida de reconocimiento de valor por parte de los residentes y los ausentes, lo que condujo a la definición de una parrilla de caracterización que permitiera una observación orientada a los elementos constituyentes del problema del abandono y pérdida de valor.

Partiendo de las impresiones registradas, en apuntes e imágenes, fue posible establecer un ábaco de condiciones que la pérdida asume en cada lugar, tratando de construir una trama de situaciones que de alguna manera representan el fenómeno en los territorios de la *Raya Seca*.

De un amplio conjunto de situaciones observadas, fueron seleccionados seis casos “tipo”, con selección relativa al proceso de pérdida de valor identificado, dando una atención especial a los fenómenos que acaban por limitar las iniciativas y las voluntades de restablecimiento de reconocimiento o de resistencia al abandono, y a la relación de cada lugar con el paisaje de pertinencia como condición de mantenimiento de los

modos de vida y, en consecuencia, de creación de mejores condiciones de resistencia a la tendencia de pérdida de valor.

El trabajo de investigación se orientó hacia la caracterización de los elementos que definen las condiciones de vida en cada lugar, tratando de interpretar su forma de interrelación e interacción definitoria de los modos de vida, y del “espíritu del lugar”, lo que permite que sea considerado un “lugar único”, con cualidades especiales que se identifican asociadas a un lugar. Esta es la condición que crea valor, no solo por contribuir a que el lugar sea reconocido como “único”, sino también porque fomenta la autoestima de los residentes y no residentes, lo que supone un factor decisivo para el fortalecimiento y restablecimiento del sentido de pertenencia al lugar, y para la defensa de las condiciones de vida tradicionales aunque transformadas en función de las nuevas demandas, pero de manera conciliadora con las expectativas resultantes de la idea de “lugar único” y “auténtico”.

La idea de trabajo se ha “precipitado” en una reunión sobre “Paisajes Activos: Imágenes del Medio Rural de la Europa Meridional” organizado por el Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid, al principio de 2022, donde los participantes en esta investigación, a partir del debate que se realizó en ese entonces, formularon una hipótesis de encuentro de intenciones y objetivos que permitía ver con “otras miradas” las materias que cada una estaba trabajando y desarrollando en sus Centros de Estudios.

Los temas que se han discutido en dicha reunión, bajo la coordinación de Miguel Fernández Maroto y Mario París, plantearon cuestiones que suscitaron una preocupación

sobre la condición de *desatención* a la que se han sometido tantos lugares de la *Raya Seca*, siendo que los miembros de este equipo de investigación, que se forjó en el entonces, empezaron a esbozar líneas de directrices para la consolidación de un trabajo de investigación.

La colaboración de Gregório Vázquez Justel con el CEAU, que tiene como miembro de referencia a Rui Braz Afonso, coordinador de la Línea de Investigación “*Povoamento e Paisagem*” (Poblamiento y Paisaje) del grupo Morfologías y Dinámicas del Territorio, con distintos trabajos publicados sobre la materia en estudio, recogió, con Miguel Martín Hernández, las primeras impresiones en el territorio en observación, delineando un proyecto que adquirió forma durante la primavera de 2022, y que después se consolidó durante el solsticio de verano, y que tuvo en cuenta el transcurrir estacional del tiempo en los lugares elegidos.

Pronto surgieron las primeras imágenes y los primeros debates internos, paseando los Lugares en Pérdida, viendo, mirando, lo que permitió definir los “ejes temáticos” que sirvieron para aglutinar el registro que constituye la esencia de este trabajo, que ahora en el equinoccio de otoño de 2023, se publica como el cuarto volumen de la Colección *Landscape in Translation* del Centro de Estudios de Arquitectura y Urbanismo de la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Oporto.

LUGARES “EM PERDA” ¿LUGARES PERDIDOS?

Juan Luis de las Rivas Sanz

*Profesor Catedrático de
Urbanística y Ordenación del Territorio
Universidad de Valladolid*

Me proponen, sus autores, introducir este libro, tan hermoso, tan cargado de intenciones. Les respondo como amigos, porque la introducción no es, en mi opinión, necesaria. Como afirmó John Berger, la vista es lo primero. La mirada de Miguel Martín lo demuestra y se hace cargo de ello, sin concesiones, con la claridad de su blanco y negro, de sus encuadres de cielo y tierra, a veces de agua... Al narrar paisajes tan profundamente humanos, Miguel desvela una Tierra que es “hija de los hombres”.

Paisajes heroicos, dice, hechos de esforzado trabajo, paisajes de bancales hoy descuidados, de caminos escondidos y de construcciones arruinadas, en unas tierras donde el esfuerzo se concentra ahora en la supervivencia. Todo ello conmueve. El medio rural de la Iberia interior, vacío o vaciado, según el propósito del adjetivo, adquiere en la *Raya Seca* de Portugal y España un tono esclarecedor. La ruina, el abandono, la soledad inmensa de un territorio tan amplio, componen la prueba de una realidad, ya no de un riesgo, en desaparición. ¿Se ha llevado el tiempo por delante, como muestra Miguel, el alma de estos pueblos? ¿Qué hacer? ¿Vale con contarlos?

La evidencia es que, en un mundo hiperactivo y desmemoriado, en el que las grandes ciudades siempre ganan, merece la pena intensificar la voluntad de dotar de sentido a un territorio rural

que, como el nuestro, malvive escarnecido por el olvido. Y lo primero, como hace este libro, es mantener viva su presencia, y recordar con ello lo que está en juego.

Rui y Gregorio dan cuenta de ello en sus textos, en un proyecto editorial inserto en otro proyecto más amplio, *Landscape in Translation*, destinado a mostrar la relevancia de lo que constituye, en sí mismo, una gran parte de nuestro territorio. Alejados de las grandes áreas urbanas, estos espacios rurales no acaban de ser incorporados con coherencia en un hábitat cada vez más complejo e interconectado. Son los lugares que no importan, así descritos por Collantes y Pinilla, que ensanchan el tiempo para mostrar la larga duración de su crisis demográfica. Yo los denominé “paisajes menores”, espacios rurales menos poblados y menos visibles, donde el patrimonio natural o cultural no es extraordinario y donde se acumula la vulnerabilidad propia de los lugares menos dinámicos. Incluso allí donde lo agrario sobrevive, a veces con un vigor extraordinario, el poblamiento rural decae sometido a lógicas de producción que se imponen sobre cualquier otra aspiración.

A pesar de ello, no me gusta el término extractivo con el que se denuncian determinadas políticas territoriales, donde la economía urbana se proyecta sin apenas cortapisas, colonizando el

espacio sin sumar pobladores. Porque el territorio siempre ha sido fuente de recursos, no puede no serlo, el problema es cómo. Los recursos sirven a un entorno construido dirigido desde y por las ciudades, con mayor o menor prudencia. No se esconde. En el “cómo” influye la responsabilidad que cualquier actividad exige allí donde se desarrolla. Así, lo rural se ignora en un territorio que se dispone al servicio de políticas energéticas miopes, cosechando viento y soleamiento, buscando nuevos materiales...

Más allá de la comprensión de los modos de vida que han construido cada paisaje, el mundo rural que se resiste a desaparecer necesita la ayuda que proporciona una voluntad de permanente re-descubrimiento como la que se afirma en este libro. Empeño que rescata, entre el aparente descuido en el que sobrevive, la belleza de un territorio que no es sólo hermoso, sino que es depósito de vida, y lo hace una y otra vez, en cada imagen, en cada lectura. Por ello debemos tratar de distinguir lo rural en su diversidad, como se plantea aquí en los textos, aprender a detectar sus condiciones y matices con un trabajo de clasificación e inventario. Comprender mejor para poder actuar mejor. Porque no todo es ruina, lo muestra este libro.

En poblaciones como en Sobral de São Miguel (Covilhã) o en Martilandrán (Nuñomoral,

Cáceres) brilla cierta esperanza, a pesar de la escasez de habitantes. Sus pobladores actuales también nos desconciertan, en sus perfiles culturales, en sus aspiraciones. No olvidemos que, como cualquiera de nosotros, viven inmersos en una contemporaneidad cargada de contradicciones, en una civilización que percibe de modo volátil sus complejidades culturales.

Las Hurdes ya no es la comarca que visitó Alfonso XIII acompañado del doctor Marañón, ni la “tierra sin pan” de Buñuel, y, sin embargo, superada su atávica pobreza, seguimos añorando algo ¿Poblamiento perdido y desamparo? Admiramos un modelo de hábitat, desaparecido, sin recordar su habitar torturado. Nos sorprende allí lo nuevo, que parece insoportable cuando contradice “el suave murmullo” de lo heredado, y añoramos el talento atemporal de un saber hacer más sabio, más lento.

Nuestra percepción, cargada de cultura, vive de pre-juicios, de ideales, intuiciones e intenciones en las que se mezclan *arraigo* y *desarraigo*. La voluntad de sentido que buscamos en los lugares se enfrenta a la tiranía del tiempo. Con la verborrea de los documentos oficiales y de los discursos políticos, exigimos sostenibilidad y restauración, empleo y servicios, también adaptación al entorno, e invocamos al espíritu del lugar que se esconde en la armonía las

ruinas, inconscientes de la sostenibilidad probable cuando todo se haya hundido. Ilusiones proyectadas en hermosas paredes de piedra sin uso. ¿Victoria de un fracaso? Sin contradecirle, en estos paisajes de resistencia me resisto a la melancolía. Lo que aparece puede que no sea así.

En otras ruinas, finca de Malladas, apenas queda un eco de miseria y terratenientes. El propio Jorge Manrique cuando escribió “cualquiera tiempo pasado fue mejor” antepuso una prevención, “cómo a nuestro parecer”. José Hierro ayuda, en un poema de 1952, cuando pregunta: “¿Quién se olvida que es cuna y tumba, día / y noche, honda raíz y flor que brota, / luz, sombra, vida y muerte hasta los bordes?

Como panóptico, el territorio es elocuente, panorámico, allí encontramos todo, porque es allí donde la vida tiene lugar. La huella del habitar permanece, y aunque sabemos que los paisajes vivos son los paisajes habitados, la huella hecha ruina conduce a un encantamiento. El paisajista norteamericano J.B. Jackson escribió en 1980 sobre la necesidad de las ruinas, las necesitamos para reproducir en ellas nuestro “esquema cósmico”, y para recrear en ellas “la historia correcta”. Y lo hacemos. Sin embargo, como escribiera otro poeta, T.S. Elliot, en sus “Notas para la definición de la cultura”, en un lejano 1949, también sabemos que “La pérdida es lo único que

el tiempo trae consigo, en cambio la ganancia o la compensación son casi siempre concebibles pero nunca seguras”. De ello trata este libro.

LUGARES “EM PERDA” LUGARES PERDIDOS?

Juan Luis de las Rivas Sanz

*Professor Catedrático de
Urbanística e Ordenamento do Território
Universidade de Valladolid*

Os autores deste trabalho propõem-me que escreva uma introdução a este livro, tão belo, tão carregado de intenções. Respondo-lhes como amigos, porque a introdução não é, a meu ver, necessária. Tal como afirmou John Berger, a vista está primeiro. A olhada de Miguel Martín demonstra e trata desse facto, sem concessões, com a clareza do respetivo preto e branco, dos respetivos enquadramentos de céu e terra, por vezes de água... Ao narrar paisagens tão profundamente humanas, Miguel desvenda uma Terra que é “filha dos homens”. Paisagens heroicas, diz ele, atos de trabalho esforçado, paisagens de socos hoje descuidados, de caminhos escondidos e de construções arruinadas, em terras onde o esforço agora concentra-se na sobrevivência. Tudo isso comove. O meio rural da Ibéria interior, vazio ou esvaziado, conforme o propósito do adjetivo, adquire na *Raya Seca* de Portugal e de Espanha um tom esclarecedor. A ruína, o abandono, a imensa solidão de um território tão vasto, compõem a prova de uma realidade, já não de um risco, em desaparecimento. Será que o tempo levou de rompante, tal como mostra Miguel, a alma dessas aldeias? O que fazer? Vale a pena contar acerca disso? A evidência é que, num mundo hiperativo e desmemoriado, no qual as grandes cidades sempre ganham, vale a pena intensificar a vontade de dotar de sentido um território rural que, tal como o nosso, sofre escarnecido pelo esquecimento. E o primeiro, tal como faz este livro, consiste em manter viva a sua presença, bem como, com isso, lembrar o que está em jogo.

Rui e Gregorio dão conta disso nos respetivos textos, num projeto editorial inserido noutro projeto mais amplo, “*Landscape in Translation*”, que visa mostrar a relevância do que constitui, em si mesmo, uma grande

parte do nosso território. Afastados das grandes áreas urbanas, esses espaços rurais não acabam por ser incorporados com coerência num habitat cada vez mais complexo e interligado. São os lugares que não importam, de acordo com a descrição formulada por Collantes e Pinilla, que alargam o tempo para mostrar a longa duração da respetiva crise demográfica. Apelidei-os de “paisagens menores”, espaços rurais menos povoados e menos visíveis, onde o património natural ou cultural não é extraordinário e onde se acumula a vulnerabilidade própria dos locais menos dinâmicos. Inclusive ali onde sobrevive o agrário, por vezes com um vigor extraordinário, o povoamento rural deteriora-se, submetido a lógicas de produção que são impostas acima de qualquer outra aspiração.

Apesar disso, não gosto do termo extrativo com o qual são denunciadas certas políticas territoriais, onde a economia urbana é projetada sem apenas barreiras, colonizando o espaço sem agregar moradores. Porque o território sempre tem sido fonte de recursos, não pode deixar de o ser, o problema é como. Os recursos servem para uma envolvente construída dirigida desde as cidades e por estas, com maior ou menor prudência. Não se esconde. É no “como” que influi a responsabilidade que qualquer atividade exige ali onde é desenvolvida. Assim, o aspeto rural é ignorado num território que se coloca ao serviço de políticas energéticas míopes, colhendo vento e insolação, procurando novos materiais...

Para lá da compreensão dos modos de vida que foram construídos por cada paisagem, o mundo rural que resiste ao desaparecimento precisa da ajuda proporcionada por uma vontade de permanente redescoberta tal como a que é afirmada neste livro. Empenho que resgata, entre o aparente descuido no

qual sobrevive, a beleza de um território que não é apenas belo, mas que é depósito de vida, e que faz isso uma e outra vez, em cada imagem, em cada leitura. Por isso, devemos tratar de distinguir o aspeto rural na sua diversidade, tal como vemos aqui nos textos, aprender a detetar as suas condições e matizes com um trabalho de classificação e inventário. Compreender melhor para poder atuar melhor. Porque nem tudo é ruína, o que vem demonstrado neste livro. Em aldeias como Sobral de São Miguel (Covilhã) ou em Martilandrán (Nuñomoral, Cáceres) brilha uma certa esperança, apesar da escassez de habitantes. Os seus atuais moradores também nos deixam desconcertados, nos respetivos perfis culturais, nas respetivas aspirações. Há que não esquecer que, como qualquer um de nós, vivem mergulhados numa contemporaneidade carregada de contradições, numa civilização que percebe, de modo volátil, as suas complexidades culturais. Las Hurdes já não é a região que foi visitada por Alfonso XIII acompanhado pelo doutor Marañón, nem a “terra sem pão” de Buñuel, e, no entanto, superada a respetiva pobreza ancestral, continuamos com saudades de algo. Povoamento perdido e desamparo? Admiramos um modelo de habitat, desaparecido, sem relembrarmos a respetiva vivência torturada. O que nos surpreende ali o que é novo, que parece insuportável quando contradiz “o suave murmúrio” do que foi herdado; hoje, temos saudades do talento intemporal de um saber-fazer mais sábio, mais lento.

A nossa perceção, carregada de cultura, vive de preconceitos, de ideais, intuições e intenções nas quais se misturam *arraigo* e *desarraigo*. A vontade de sentido que procuramos nos locais faz frente à tirania do tempo. Com a verborreia dos documentos oficiais

e dos discursos políticos, exigimos sustentabilidade e restauração, emprego e serviços, e ainda adaptação à envolvente, sendo que invocamos o espírito do local que se escondem as ruínas na harmonia, inconscientes da provável sustentabilidade quando tudo se tiver desmoronado. Ilusões projetadas em belas paredes de pedra sem uso. Vitória de um fracasso? Sem contradizê-lo, nessas paisagens de resistência resisto à melancolia. Aquilo que aparece pode ser que não seja assim.

Noutras ruínas, fazenda de Malladas, resta apenas um eco de miséria e proprietários. O próprio Jorge Manrique, quando escreveu *“qualquer tempo passado foi melhor”* antepôs uma prevenção, *“como a nosso ver”*. José Hierro ajuda, num poema de 1952, quando pergunta: *“Quem se esqueça que é berço e túmulo, dia / e noite, funda raiz e flor que brota, / luz, sombra, vida e morte até às beiras?”*

Como panótico, o território é eloquente, panorâmico, onde encontramos tudo, porque é ali onde acontece a vida. A marca do habitar permanece, e embora sabemos que as paisagens vivas são as paisagens habitadas, a marca transformada em ruína conduz a um encantamento. O paisagista norte-americano J.B. Jackson escreveu em 1980 sobre a necessidade das ruínas: precisamos delas para reproduzir nelas o nosso “esquema cósmico”, e para recriar nelas “a história correta”. E assim fazemos. Porém, tal como escreveu outro poeta, T.S. Eliot, nas suas “Notas para a definição da cultura”, no distante ano de 1949, também sabemos que *“A perda é a única coisa que o tempo traz consigo; em contrapartida, o rendimento ou a compensação são quase sempre concebíveis mas nunca seguros”*. É disso que trata este livro.

DESAFIOS SOBRE OS LUGARES EM PERDA

Luís S. Viegas

*Arquitecto e Professor de Arquitetura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

Se os corpos luminosos estão carregados de incerteza, nada mais resta do que depositar as esperanças na escuridão, nas regiões desérticas do céu. O que pode existir de mais estável do que o nada? E, no entanto, também acerca do nada não se pode estar certo a cem por cento. Palomar, onde quer que veja uma clareira no firmamento, uma brecha vazia e negra, fixa aí o olhar, como que projectando-se nela; e eis que também ali no meio toma forma um qualquer pequeno grão mais claro, ou uma pequena mancha, ou apenas um sinalzinho; mas, Palomar não chega a ficar seguro acerca de se se trata efectivamente de alguma coisa que lá esteja ou se apenas lhe parece vê-la. Talvez seja um lampejo desses que se veem andar à roda mantendo os olhos fechados (o céu escuro é como o reverso das pálpebras sulcado por fosfenos; pode ser um reflexo dos seus olhos; mas poderia também ser uma estrela desconhecida, emergindo das profundezas mais remotas. Italo Calvino, Palomar, [1983], 1987-trad. João Reis. p. 54.

Como momentos de descoberta e despertar fundacionais para novas visões de abertura e oportunidade, aos desafios destes exercícios maiores de reconhecimento sobre “zonas desérticas...”, visando a consciencialização e o conhecimento próprios, são primordiais as qualidades do ato de Observar, entre “objetivas” e objetivos, na potência das velocidades de leitura oportunas e da exigência dos níveis de objetivação adequados.

Nenhum sofisticado imaginário ou especial conceptualização de uma realidade territorial, paisagística e/ou urbana (física, tátil e visível) pode desconsiderar a qualidade da experiência do seu real, em permanente atualização e natural transformação. Esta urgência da atualidade, exemplarmente retratada em “Lugares em Perda”, apela a desafios, à abertura de novos universos e novos caminhos, talvez até experimentando o impensável, mas, sempre como exercícios políticos, disciplinares e metodológicos enunciados por um campo multidimensional operativo.

De forma incontornável, dos “desafios sobre os lugares em perda” emerge o jogo entre o que permanece e o que muda nos fenómenos da atualização e da transformação do habitar humano. A atualização é vital e a transformação é inevitável, e ambas próprias da força, da função e da forma da linha do tempo, ou da compressão espaço-tempo como a entende David Harvey. Contudo, essas especiais energias e virtudes, opondo-se a cada “atual” em que atuam, fazem também emergir, no real, na realidade do espaço e no concreto, problemas, perdas e abandonos, confrontando-nos com a angústia da desvalorização de “o que foi nosso” e despertando na dimensão ética, os valores e a vontade de cuidar. Se esta “perda”, por sintoma, sentimento ou objetivação, é uma fragilidade

socio-económica e cultural, também é uma marca ontológica e existencial que evidencia as particulares tensões, na senda da felicidade humana, entre a experiência e a memória individual e partilhável.

Se, pela atualização e a transformação próprias dos processos e fenómenos de recomposição implicáveis, as forças que determinaram as condições residuais dos “lugares em perda” radicaram, sobretudo, nas múltiplas dimensões da técnica -sofisticação, organização, produção, comunicação e difusão-, o que parece, agora, poder emergir, no despertar desta publicação, são os valores da binomial polaridade ética-estética, por uma observação sensível e atenta a onze casos exemplares e representativos em diversas condições e potências territoriais.

Pelas profundas e exponenciais mutações reconhecíveis nas sociedades contemporâneas, pautadas pelos fenómenos de desterritorialização e da desmaterialização, os fluxos tendem a afastar-se dos fixos, o ficto a aproximar-se do facto, o imaterial a ganhar corpo determinante da eficácia das relações entre as coisas e as pessoas e, se “tudo o que é sólido se dissolve[ra] no ar”, tudo, ou demasiado, parece conquistado por um radical *Angelus Novus* implacável na instabilidade dos valores, na deriva dos sonhos e nas dores dos ciclos e nos modos de vida.

Acontece que, para qualquer equilíbrio triádico entre Humanidades, Artes e Tecnologias -ética-estética-técnica-, a potencia da aliança antinômica de circunstância ética-estética nos “lugares em perda”, depende da valorização da dimensão técnica (como se o que perece pela técnica devesse renascer pela técnica). Nestes contextos, cuidar algo no qual nos reconhecemos, na história, na identidade ou na “saúde”, evitando a exclusividade dos paliativos, da mumificação e da museificação (onde a indústria do turismo e do lazer é especialmente consumidora, disfarçada por fogachos de cultura), implica dar corpo às funções da dimensão técnica, pois, se é verdade que a atenção e sensibilidade primordiais para os “desafios sobre os lugares em perda” radica nas energias ético-estéticas, o campo de monitorização e, sobretudo, de operacionalidade deve abrir a integração da vontade política com os recursos (financeiros, disciplinares e humanos) concretos.

Este caminho que vislumbramos, mesmo que emergente da contemplação, deve, pela sofisticação da visão, como compreensão no tempo, trabalhar sobre o reconhecimento das qualidades relacionais e próprias de cada realidade territorial na condição de “lugar em perda”, de modo a que, entre a ecologia e a tecnologia, se cuide essas realidades como oportunidades singulares de agregação e

integração, através de projetos-piloto, de novas realidades económicas, sociais, culturais, permanentes ou temporárias, concretas e praticáveis. Os “lugares em perda” são circunscrições territoriais “entre”, partes de constelações e qualidades em relacionamento possível, perante as quais, se neles se reconhecem particulares valores, o desafio é o da reinvenção de um jogo novo e atual, projetando (*projectum*), entre as circunstâncias e os contextos, as disciplinas e os riscos, cruzando o potencial dos recursos disponíveis, naturais, materiais, humanos e tecnológicos, locais e não locais, qualidades do passado e/ou do futuro, a favor de um novo reequilíbrio pretendido e, efetivamente, possível. Se é certo que a utopia nos faz caminhar, é sinal de particular responsabilidade o reconhecimento das qualidades do praticável, sempre equilibrando os valores triádicos implicados.

Se o jogo de “o que fazer?” nestas realidades não é fácil, colocar as suas condições, qualidades e potencialidades em evidência constitui um ato primordial e fundacional, abrindo a possibilidade de um discurso instaurador, neste caso, pela força do dialógico entre o texto e a imagem. Se o texto não pode abdicar de uma linha do tempo, e tem uma ordem de leitura para qualquer recomeço, já a imagem, talvez mais ligada ao espaço, funciona como uma superfície que, para além de

potenciar uma multiplicidade e simultaneidade de olhares, permite o retomar da leitura em qualquer ponto da sua composição, sem especiais perturbações ou dificuldades. Assim, espera-se da imagem (pela qual somos observados) a força da síntese, por um ponto de vista, um enquadramento e cuidados técnico-expressivos, na potência da textualidade e de outras e maiores narrativas, enquanto do texto (espelho no qual nos podemos reconhecer/entender) se espera a função explicativa e analítica, pela deambulação ou lógica interpretativa, argumentativa ou demonstrativa, na potência do iconográfico que nos dá a ver. Entre a sacralidade do texto e o paganismo da imagem, a função do primeiro e a força da segunda, esta extraordinária publicação oferece a expressão singular de um grito de alerta elucidativo.

O “desafio dos lugares em perda” coloca-se, assim, no jogo entre a tradição e a criatividade, pela agregação de forças e valores, em cuja atmosfera emergem as qualidades do despertar, da inventiva, do desígnio e do (re)desenho, sempre a revisitar e na consciência de que nada é absolutamente definitivo.

RETOS SOBRE LOS LUGARES EN PÉRDIDA

Luís S. Viegas

*Arquitecto y profesor de Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

Si los cuerpos luminosos están cargados de incertidumbre, solo queda centrar las esperanzas en la oscuridad, en las regiones desérticas del cielo. ¿Qué puede existir de más estable que la nada? Y, sin embargo, también acerca de la nada no se puede estar cien por ciento seguro. Palomar, donde quiera que vea un claro en el cielo, una brecha vacía y negra, fija ahí la mirada, como que proyectándose en ella; y he aquí que también allí en el medio toma forma un cualquier pequeño grano más claro, o una pequeña mancha, o solamente una pequeña señal; pero, Palomar no llega a quedarse seguro acerca de si se trata, en efecto, de algo que esté allá o si apenas parece mirarla. Quizás sea un destello de los que se ven girando manteniendo los ojos cerrados (el cielo oscuro es como el reverso de las párpados surcado por fosfenos; puede ser un reflejo de sus ojos; pero podría también ser una estrella desconocida, surgiendo de las profundidades más remotas. Italo Calvino, Palomar, 1983.

Como momentos de descubierta y despertar fundacionales para nuevas visiones de abertura y oportunidad, a los retos de estos ejercicios mayores de reconocimiento sobre “regiones desérticas...”, teniendo por objetivo la concienciación y el conocimiento propios, son fundamentales las calidades del acto de Observar, entre “objetivas” y objetivos, en la potencia de las velocidades de lectura oportunas y de la exigencia de los niveles de objetivación adecuados.

Ningún sofisticado imaginario o especial conceptualización de una realidad territorial, paisajística y/o urbana (física, táctil y visible) puede desconsiderar la calidad de la experiencia de su real, e permanente actualización y natural transformación. Esta urgencia de la actualidad, retratada de manera ejemplar en “Lugares em Perda” (Lugares en Pérdida), apela a retos, a la abertura de nuevos universos y nuevos caminos, quizás incluso experimentando lo impensable, pero, siempre

como ejercicios políticos, disciplinares y metodológicos enunciados por un dominio multidimensional operativo.

De manera ineludible, de los “retos sobre los lugares en pérdida” surge el juego entre lo que permanece y lo que cambia en los fenómenos de la actualización y de la transformación del habitar humano. La actualización es crucial y la transformación es inevitable, y ambas propias de la fuerza, de la función y de la forma de la línea de tiempo, o de la comprensión espacio-tiempo tal y como la entiende David Harvey. Sin embargo, esas especiales energías y virtudes, oponiéndose a cada “actual” en el que actúan, hacen también surgir, en lo real, en la realidad del espacio y en lo concreto, problemas, pérdidas y abandonos, confrontándonos con la angustia de la desvalorización de “lo que ha sido nuestro” y despertando, en la dimensión ética, los valores y la voluntad de cuidar. Si esta “pérdida”, por síntoma, sentimiento u objetivación, es una fragilidad socio-económica y cultural, también es una marca ontológica y existencial que evidencia las particulares tensiones, en la senda de la felicidad humana, entre la experiencia y la memoria individual e compatible.

Si, por la actualización y la transformación propias de los procesos y fenómenos de recomposición que pueden estar implicadas, las fuerzas que determinaron las condiciones residuales de los “lugares en pérdida” estuvieron arraigados, sobre todo, en las múltiples dimensiones de la técnica - sofisticación, organización, producción, comunicación y difusión -, lo que, ahora, parece que puede surgir, en lo despertar de esta publicación, son los valores de la binomial polaridad ética-estética, por medio de una observación sensible y detenida a once casos ejemplares y representativos en distintas condiciones y potencias territoriales.

Por las profundas y exponenciales mutaciones reconocibles en las sociedades contemporáneas, de acuerdo con los fenómenos de desterritorialización y de la desmaterialización, los flujos tienden a alejarse de los fijos, el ficto a acercarse del hecho, lo inmaterial a adquirir forma determinante de la eficacia de las relaciones entre las cosas y as personas y, si “todo lo que es sólido se disuelve [disolviese] en el aire”, todo, o demasiado, parece conquistarse por un radical *Angelus Novus* implacable en la inestabilidad de los valores, en la deriva de los sueños y en los dolores de los ciclos y en los estilos de vida.

Sucede que, para todo equilibrio triple entre Humanidades, Artes y Tecnologías - ética-estética-técnica -, la potencia de la alianza antinómica de circunstancia ética-estética en los “lugares en pérdida”, depende de la valoración de la dimensión técnica (como si lo que perece por la técnica debiera ese renacer por la técnica). En estos contextos, cuidar algo en lo que nos reconocemos, en la historia, en la identidad o en la “saudade” (nostalgia), evitando la exclusividad de los paliativos, de la momificación y de la museificación (donde la industria del turismo y del ocio es particularmente consumidora, disfrazada por sofocos de cultura), implica darles cuerpo a las funciones de la dimensión técnica, puesto que, si es verdad que la atención y sensibilidad primordiales para los “retos sobre los lugares en pérdida” estás arraigadas en las energías ético-estéticas, el dominio de monitorización y, sobre todo, de funcionamiento debe abrir la integración de la voluntad política con los recursos (financieros, disciplinares y humanos) concretos.

Este camino que vislumbramos, aunque emergente de la contemplación, debe, por la sofisticación de la

visión, como comprensión en el tiempo, trabajar sobre el reconocimiento de las calidades de relación y propias de cada realidad territorial en la condición de “lugar en pérdida”, de modo que, entre la ecología y la tecnología, se cuide esas realidades como oportunidades únicas de agrupación e integración, por medio de proyectos piloto, de nuevas realidades económicas, sociales, culturales, permanentes o provisionales, concretas y practicables. Los “lugares en pérdida” son circunscripciones territoriales “entre”, partes de constelaciones y calidades en relacionamiento posible, ante las que, si en ellos se reconocen valores particulares, el reto es lo de la reinvención de un juego nuevo y actual, proyectando (*projectum*), entre las circunstancias y los contextos, las disciplinas y los riesgos, cruzando el potencial de los recursos disponibles, naturales, materiales, humanos y tecnológicos, locales y no locales, calidades del pasado y/o del futuro, en favor de un nuevo reequilibrio deseado y, en efecto, posible. Si bien la utopía nos hace caminar, es señal de particular responsabilidad el reconocimiento de las calidades de lo practicable, siempre equilibrando los valores triples involucrados.

Si el juego del “¿qué hacer?” en estas realidades no es fácil, destacar sus condiciones, calidades y potencialidades constituye un acto primordial y fundacional, abriendo la posibilidad de un discurso instaurador, en este caso, por la fuerza de lo dialógico entre el texto y la imagen. Si el texto no puede abdicar de una línea de tiempo, y tiene una orden de lectura para cualquier nuevo comienzo, ya la imagen, quizás más conectada al espacio, funciona como una superficie que, además de potenciar una multiplicidad y simultaneidad de miradas, permite que se recomience la lectura en cualquier punto de su composición, sin especiales perturbaciones o

dificultades. Así, de la imagen (por la que nos observan) se espera la fuerza de la síntesis, por un punto de vista, un encuadramiento y cuidados técnico-expresivos, en la potencia de la textualidad y de otras y mayores narrativas, mientras que en el texto (espejo en el que nos podemos reconocer/entender) se espera la función explicativa y analítica, por la deambulación o lógica interpretativa, argumentativa o demostrativa, en la potencia de lo iconográfico que se nos permite ver. Entre la sacralidad del texto y el paganismo de la imagen, la función del primero y la fuerza de la segunda, esta extraordinaria publicación ofrece la expresión única de un grito de alarma ilustrativo.

Así, el “reto de los lugares en pérdida” se posiciona en el juego entre la tradición y la creatividad, por la agrupación de fuerzas y valores, en cuya atmósfera surgen las calidades de lo despertar, de la inventiva, del designio y del (re)diseño, siempre a revisitar y en la consciencia de que nada es absolutamente definitivo.

PRINCIPALES INTENCIONES DEL VIAJE

Gregorio Vázquez Justel

LUGARES EM PERDA NA RAYA SECA

VIDAS E PAISAGENS

Rui Braz Afonso

PRINCIPALES INTENCIONES DEL VIAJE

Gregorio Vázquez Justel

Arquitecto Urbanista

Un conjunto de pueblos y aldeas, pequeños asentamientos históricos en el medio rural, territorios del interior ibérico en despoblación, relativamente alejados de las dinámicas urbanas y sometidos a procesos de fuerte transformación por decadencia; en torno a la *Raya Seca* se ofrece un amplio muestrario de ejemplos, representativos de una realidad tan extensiva como diversa en sus casuísticas de declive. Realidad territorial tan próxima como distante; dolorosamente inagotable.

La selección ha partido tanto de una intención clasificatoria como de un reconocimiento directo de los casos. En esta mirada selectiva de los núcleos, ha cobrado indudable peso la participación del fotógrafo, su valoración personal y validación de los lugares, interpretación primordial o al menos cogenerativa en la construcción del discurso.

Esta aproximación al estudio arranca de una serie de acotaciones previas, bajo criterios y objetivos que prefijaron una delimitación territorial, un objeto central de atención y una serie de materiales preparatorios—trabajos previos y publicaciones, conocimiento e implicación de los autores con pueblos y paisajes, intereses disciplinares específicos y compartidos—que han contribuido a tejer y definir una serie de “afinidades electivas”. Argumentos para la

articulación de una narrativa, en suma, que procure un sentido, una intención participada y reconocible en la generación del trabajo y una dirección o intención de significado(s) al resultado aquí sintetizado y presentado en dos piezas, capítulos autorales separados aunque tan radicalmente imbricados como movimientos de una composición musical. Entre los principios y criterios motores se definieron como marcas de acotación para el preludio inventarial:

- i) Espacios en torno a la geografía de la *Raya Seca* hispano lusa en el límite con el sur de Castilla y León y norte de Extremadura, entre el Duero y el Tajo, aunque sin una acotación determinante a priori...que han permitido su extensión hacia las Hurdes extremeñas y la sierra de Salamanca o la de Estrela en Portugal.
- ii) Pueblos en pérdida, pequeñas poblaciones rurales con procesos acusados de transformación física, social y funcional, en estructuras de asentamiento tradicional, cuyos grados de alteración se irán decantando en el análisis del estudio.
- iii) Conocimiento y experiencias previas de cada participante, vinculación—profesional, cultural, emocional—con los lugares, paisajes y paisanajes, un ilimitado e inevitable mundo de antecedentes.¹

Sobre este argumentario de salida, muchos kilómetros y conversaciones entre España y Portugal, horas de mirada atenta, intercambios y lecturas compartidas, fue construyéndose un armazón cuyas piezas, situaciones, testimonios y casuísticas diversas, fueron tranquilamente engranando.

El proceso inductivo de los casos, bajo la elección del fotógrafo observador, dirigido a la generación del discurso ordenador, y el retorno del discurso hacia la compilación y clasificación inventarial, fructificaron en dichos viajes e interacciones hasta decantarse en la propuesta narrativa aquí formulada. Sin pretensión de exhaustiva taxonomía ni de agotamiento conceptual o representativo de la compleja e inestable, decadente sin duda, realidad territorial observada. Procurando trascender la producción testimonial.

También evitar la -imposible- sustitución o interacción de toda investigación sobre la realidad observada, aquí unos territorios en declive generalizado, con testimonios múltiples de declive y desaparición, pérdidas en suma, como objeto de atención.

Las imágenes de Miguel Martín no son ilustrativas de la exploración, evitan incluso lo descriptivo y en todo caso lo trascienden, buscan su propio examen de los lugares, su autonomía

indagatoria, suscitan un correlato tan esencial como enriquecedor en el proyecto.

Este texto no pretende sino aclarar, a partir del trabajo presentado y sus materiales, de los ejemplos y su sentido de representación, unos componentes e intenciones; quizás ofrecer otra lectura, desde una perspectiva propia, sin duda sesgada y parcial, eludiendo la intermediación, esto es, evitando una fijación como intención mediadora entre la mirada personal del artista—elocuente en las imágenes mismas de la publicación—y los objetivos motores de la investigación territorial y urbanística en su sesgo académico, la defensa lanzada por el profesor Rui Braz de unos modos de vida como consustanciales a los paisajes que generaron, en un medio rural en acusada descomposición.

Una taxonomía indexada -indicial-, que surge de una necesidad interpretativa, como una suerte de interposición metodológica que procura orientar las lecturas. Entre la intuición perceptiva del artista y la ordenación clasificatoria del académico, entre la mirada esencial identificadora, rastreadora del carácter y caracterizadora a su vez, evitando lo referencial en su sentido mostrativo, y la exigencia explicativa, propia del discurso expositivo y justificador de la investigación.

Entre la nominación, el nombre de las cosas -o de sus categorías-, y la adjetivación, sus cualidades y medidas, el verbo. Mirar, Conocer, Explicar, Actuar...Salvar.

INTENTO DE CLASIFICACIÓN PARA LA COMPRENSIÓN DE LOS NÚCLEOS RURALES EN DECLIVE

La necesidad de clasificar para entender o de ordenar para comprender inherente a tantos saberes y disciplinas, que en el caso de aquellas volcadas al territorio, a las realidades siempre complejas del medio rural tan alterado, no pueden evitar una intención prospectiva. Pensar—Clasificar y además Conocer para Actuar, un paradigma de los estudios territoriales y de la urbanística en su sentido y escalas amplios, que no puede olvidar el posicionamiento proyectivo, dirigido a cambiar una realidad, unas tendencias y dinámicas de pérdida, deterioro y destrucción de un mundo y formas de vida, de asentamientos y de explotación del medio rural.

La contemplación de la hecatombe sugiere al poeta, afrenta al viajero sensible, responsabiliza—o debería—a cualquier ciudadano y ompromete al profesional, mero estudioso o planificador, para buscar la curación, tratar de moderar o revertir procesos de destrucción, movilizar alguna esperanza o aliento en estos territorios, disputar con la irreversibilidad fatalista.

En la selección interesada de casos de análisis existen situaciones positivas, que inducen a la ilusión. Lugares que han sabido o luchan por revertir las dinámicas de pérdida, abandono poblacional o de actividad, intentando mantener con vida unos núcleos rurales y preservar su carácter, sus paisajes y estructuras productivas asociadas. El ejemplo de Sobral de São Miguel, se resalta como posible modelo de resistencia y un buen hacer. A partir de esta categoría, referente positivo del estudio, avanza la atonía, la destrucción y las pérdidas, con procesos repetidos que conviene analizar, en grados de evolución y niveles de transformación variados que culminan con la situación extrema de la ruina total.

Un esquema clasificatorio, a partir de los componentes de actividad y del nivel de transformación física o material de los núcleos, procura facilitar la localización orientadora de los ejemplos tratados. Sobre esta rejilla ordenadora, se superpondría además el factor de los paisajes agredidos por el progreso, transversal en sus diversos grados a todas las situaciones cartografiadas (ver tabla 1).

CASUÍSTICAS, GRADOS Y PROBLEMAS DE FAMILIA

Desde los enclaves mantenidos en su configuración física tradicional—con muchos matices por sustituciones y evolución, incluso

en aquellos aparentemente conservados como Sobral de São Miguel (Covilhã), hasta aquellos que son pura ruina, fruto del abandono poblacional integral como Grandes (Salamanca), se registra un amplio gradiente de situaciones intermedias según el grado de pérdida afecte en mayor o menor medida a las estructuras físicas—tanto las urbanas del asentamiento como las del paisaje tradicional vinculado a la explotación por las actividades agroganaderas y forestales—así como a la alteración de las sociales, empezando por la generalizada despoblación (ver tabla 2).

Sobral de São Miguel, un núcleo menor del Concejo de Covilhã, surge encabalgado en un angosto valle—Sierra de Açor—dentro de la Serra da Estrela, apoyando su estructura de asentamiento en hileras extendidas sobre las curvas topográficas, y articulado en bancales y muros de contención sobre un complejo hidráulico de gran interés. La riqueza del artificio hidráulico y la protección climática del emplazamiento en el valle, han generado un rico vergel de huertas y cultivos mediterráneos—olivo, viñedo, frutales, hortalizas—donde estanques, canales y norias, serpean unas laderas aterrazadas cuyo grado de mantenimiento hoy asombra.

Los apenas 200 habitantes actuales, han sabido mantener o en su caso recuperar unos paisajes



Figura 1.
Sobral de São Miguel. Imagem de Andrea Rodera.

construidos para la explotación agrícola y el autoconsumo, refundando sin alterar su carácter el sentido del núcleo tradicional, sus viviendas—en buena medida rehabilitadas sin cortapisas estilísticas o incluso sustituidas-, y construcciones asociadas—molinos, lagares, paneras, lavaderos, puentes—en paralelo a los intereses y valores compartidos de sus habitantes. La capacidad de algunos colectivos locales y su compromiso demostrado con el lugar, han conseguido reutilizar espacios y algunas estructuras para nuevas dotaciones, mejorando servicios y calidad del habitar, logrando aquí un caso virtuoso de regeneración, un modelo excepcional donde el preservar o recuperar usos y actividades, avanza parejo a la conservación de la vida rural, con sus sentidos de identidad y pertenencia, en definitiva con sus legitimados valores patrimoniales.

Pero salvando el caso singular de Sobral, representativo de una escasa categoría de lugares exitosamente en lucha contra el declive e hito de referencia positiva de la exploración realizada, la estructura de grados y categorías se desgrana en una variedad expansiva de situaciones dispares que la matriz ordenadora intenta sintetizar.

En esta malla o cartografía explicativa encontramos lugares—comarca extremeña de Las Hurdes- en los que la evolución y la modernización de la vida rural, incorporando

medios y pautas urbanos, ha preservado la actividad y vida en los núcleos, pagando un precio de, bien una transformación sustitutiva radical de las edificaciones y caseríos tradicionales, bien una relativa conservación—mixtificada—pero asociada a nuevas formas de explotación económica—el campo mecanizado—que esas sí, han alterado totalmente cuando no abandonado los sistemas de explotación históricos. Pueblos renovados junto a paisajes fósiles—sistemas de agricultura minifundista y abancalada, imposible de mecanizar e insostenible en sus rendimientos antiguos-, coexisten con aldeas o asentamientos que han mantenido aparentemente su fisonomía o estructuras arcaicas, pero basados en otra economía de subsistencia o altamente subsidiada.

Este último fenómeno, extensivo del medio rural en buena parte de Europa y acentuadamente en nuestras regiones latinas, aparece aquí en diversas manifestaciones, coexistiendo vestigios de actividades tradicionales más o menos modernizadas y más o menos subvencionadas, con fórmulas residuales de cooperación popular o, mayormente, con rentas exógenas—retornos de pobladores, turismo rural, pensionistas.

Son situaciones recurrentes en comarcas como Las Hurdes, presentes en el caso de Martilandrán (152 habitantes censados) perteneciente al



Figura 2.
Ortoimagem de Martilandrán e a adjacente Fragosa em Las Hurdes.

Figura 3.
Imagem equivalente do voo americano, 1956.

municipio de Nuñomoral, con el espectacular anfiteatro de su implantación y sus pintorescos meandros, bancales tallados en la montaña y hoy semiabandonados, o de Castillo (86 hab.) municipio de Pinofrankeado, lugares que enfrentan su supervivencia, frente a otros núcleos en declive total de actividad y población como Avellana (12 habitantes censados), también en el término de Pinofrankeado; Riomalo de Arriba (14 hab.) entidad perteneciente a Ladrillar, o como Horcajada—este última una alquería de Nuñomoral hoy totalmente despoblada—, pueblos diezmados en los que la escasa subsistencia poblacional se reduce hoy prácticamente a clases pasivas y pensionistas.

Lugares remotos de esta comarca hurdana, con una geografía abrupta y mitificada en la Historia española como símbolo de atraso y miseria, luego vergel amabilizado por las aguas domesticadas durante décadas de esfuerzo y agricultura heroica, hoy reducidos a aldeas pintorescas punteando un paisaje “arcaico” al que se asoman miradores y sendas para el turista contemplativo. Un paisaje por lo demás fuertemente antropizado en épocas no tan pretéritas, mayoritariamente colonizado, replantado y cultivado en la segunda mitad del siglo pasado.²

Una clase particular es el de los pueblos pintorescos, aquellos objeto de la explotación

turística, categoría que se inscribiría en una posición central de nuestra clasificación, en tanto mantiene relativamente las cualidades y fisonomía de los núcleos tradicionales y sus ambientes históricos, preservación aunque epitelial, como escenario de la visita y la actividad turística, con toda una amplia gama de grados y problemáticas inherentes a estos procesos de rehabilitación o reinención. Lo turístico en muchos de estos lugares se concibe como un recurso de salvaguarda complementario, que aspira a convivir con la economía tradicional y la vida cotidiana, aunque acabe frecuentemente arrinconando o extinguiendo como alternativa más rentable los usos del pasado.

Insertos en redes y programas institucionales —aldeias do xisto, aldeias históricas, pueblos más bonitos de,...- apuestan a la atracción del turismo, con todas sus modalidades, actividades asociadas, y posibilidades e impactos, la esperanza de la revitalización, enfrentando una extinción o al menos frenando la sangría para mantener el latido, aunque el cuerpo -remozado-, y el alma -mercantilizada-, ya sean otras. Entre el bonito cadáver, la “bella figura” que consigue maquillar los ambientes y (restos de) estructuras monumentales y unas pautas de consumo “cultural” tan banales como mistificadoras, la lucha por la supervivencia buscada en los valores patrimoniales -históricos,

arquitectónicos, urbanos o arqueológicos, etnográficos o toda la expansión de inmateriales e intangibles...-³, la “reinención” de los lugares suele acabar falseando cuando no embalsamando sus realidades y aniquilando aquella vida que pretendían salvaguardar.

Castelo Mendo es un Conjunto histórico que constituye un ejemplo claro dentro de una nutrida pléyade de situaciones análogas, recintos urbanos conformados como o junto a fortificaciones de frontera (Castelo Melhor, Castelo Bom, Sabugal, Vila do Touro, Vilar Maior...), a los que bien se podrían añadir aquellos pueblos categorizados “históricos” o íntegramente monumentales, conjuntos inventariados como tales (IPA) o declarados como BIC en el caso español (Almeida, Alpedrinha, La Alberca -Mogarráz, Miranda y San Martín del Castañar, Sequeros-, Belmonte, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Granadilla, Gata y Robledillo de Gata, Idanha-a-Velha, Ledesma, Linhares, Marialva, Monsanto, Montemayor del Río, Penamacor, Piódão, San Felices de los Gallegos, Sortelha, Trancoso). Una importante lista de aldeas y conjuntos históricos de inequívoco valor cultural que en su mayoría han reorientado sus estrategias económicas hacia la explotación de las actividades turísticas, de forma más destacada por la intensidad de los efectos sobrevenidos en aquellos de menor tamaño / población, y donde la



Figura 4.
Ruinas de Porqueriza. Imagem de Andrea Roder.

apuesta suscita en general más interrogantes que respuestas unívocas o inspiradoras.

Bemposta (de Penamacor), una antigua freguesía (unida en la actualidad con la de Pedrógão de São Pedro, en el distrito de Castelo Branco) hoy con menos de 100 habitantes, una parada de camino romano–medieval a Santiago que sin alcanzar categoría monumental, mantiene incólume su pétrea fisonomía. Un pueblo silencioso y mineral, donde las formas vienen diferenciadas apenas por la talla de las piedras y leves sombras que delimitan lo horizontal y lo vertical; un recinto cerrado de murallas, ruas y praças, calvario, escadinhas y pelourinho..., recortándose sobre un cielo limpio, y una aspiración museificada de futuro.

Atendiendo a la vitalidad de los núcleos, en el sentido de población residente y servicios, podemos además hacer una gradación transversal, según los lugares resistentes—resilientes diríamos hoy—mantengan la actividad tradicional de la explotación del medio, o bien se encuentren congelados, con abandono efectivo de las actividades del campo—pueblos de jubilados y clases pasivas. Luego siguen, mayoría, aquellos cuya resistencia ya está comprometida, fiada a unas últimas generaciones de ancianos residentes o a aquella, ligeramente más duradera, de los materiales de construcción. Los niveles de

deterioro social y espacial, íntimamente ligados, son tan extensos por diversidad y amplitud como intensos en sus efectos, y el ejercicio ingrato de su graduación, llama más a la adjetivación particularizada, al reconocimiento de pautas y patrones sobre cada lugar, que a la incómoda estadística indiferenciada, más hacia la piedad que al requiem.

En el último eslabón de la casuística estudiada, no por extremo más infrecuente, están los pueblos abandonados, aquellos en los que el goteo agónico de sus pobladores ya se extinguió, y vacíos de vida devuelven sus ruinas y restos materiales a la tierra. Algo más lento este último trance, pero irreversible. Los casos salmantinos de Grandes—Tierras de Vitigudino—resonante de tragedias y vidas míseras, o el cercano caserío de Porqueriza, en La Mata de Ledesma, elocuentes muestrarios de la desolación y la ruina, reflejados en los trabajos y los días del fotógrafo M. Martín, suponen solo ejemplos de una realidad de cifras apabullantes.⁴ Horcajada en Las Hurdes, también referido en este glosario de pérdidas, es uno de los 14 asentamientos oficialmente censados como despoblados, en una comarca con tendencias acusadas hacia el incremento del fenómeno.

La corrosión del tiempo se adueña con más intensidad en aquellos lugares donde ha desaparecido la actividad agropecuaria

tradicional, donde las vinculaciones directas entre espacios de vida y de trabajo se han diluido y las construcciones especializado, donde la gestión de la tierra o del agua se remite a expedientes administrativos o acciones públicas—por vía de subvención habitualmente—lejos del trabajo tenaz y cotidiano de los habitantes. Un empobrecimiento funcional en suma, conocido y cuyos corolarios de deterioro material, económico y patrimonial, de pérdida de costumbres y valores rituales, culturales e identitarios⁵, se agudizan con la agresiva irrupción de los nuevos usos y técnicas en el mundo rural, instalaciones y edificios, cuyas lógicas de adecuación contextual y preocupaciones por el respeto al entorno y al paisaje, urbano y rural, suelen mostrarse ausentes.

Otro capítulo insoslayable al analizar estos lugares en transición o fuerte transformación, tiene que ver con la evaluación de las alteraciones físicas y los impactos territoriales, un aspecto relativamente transversal que en tanto alude al paisaje y la imagen de los lugares, es rastreable en prácticamente todas las situaciones consideradas. El grado de la incidencia, por escala o por intensidad, es tan variable como el territorio. De los grandes impactos—nuevas infraestructuras de comunicación, explotaciones a cielo abierto, plataformas logísticas, periferias suburbanas en dispersión—a los restos de otros

usos extinguido⁶—gasolineras, talleres, moteles y clubs, carteles publicitarios— pasando por residencias y explotaciones—granjas, gallineros, silos y graneros, naves, huertos— cuya decrepitud o abandono ha convertido en ruinas.

En este amplísimo, inagotable muestrario de desastres con traducción devaluadora del paisaje y su fisonomía, no hay que olvidar la sistemática degeneración de los pueblos, de las formas y tipologías de los asentamientos tradicionales, sometidos a una sustitución intensiva cuando no orlados por unas nuevas periferias—naves, bloques e hileras de unifamiliares adosadas—tan ajenas como indiferentes al núcleo original. Unas dinámicas también sistémicas y muy diversas en sus agresiones, que desvelan una ruptura esencial entre las conexiones de lo urbano con el medio natural y han alterado las lógicas de integración de las construcciones y estructuras tradicionales con las explotaciones agrícolas de su entorno, afectando de manera grave y extensiva a los paisajes de los entornos rurales.

Problemática que nos habla del descuido, cuando no desprecio, por los valores del paisaje—culturales, ambientales, estáticos—de una indiferencia hacia el pasado y nuestro patrimonio, nuestra cultura, pero también desatención hacia el porvenir de sus habitantes, nuestro futuro. Algo que se cifra en nuestros

ámbitos territoriales de investigación, de forma tan heterogénea y dispar que su diagnóstico completo, tan solo su inventario, requeriría de otro trabajo paralelo, por su compleja clasificación e insondable extensión. Mirar con intensidad, con atención reflexiva, como bien transmiten las fotografías de Miguel Martín en este trabajo, no significa eludir la visión crítica o desenfocar el desgarró, los desastres.

INVOCACIONES A LA ACCIÓN REFLEXIVA

Cuando lo rural como forma de vida integrada con el medio ha ido desapareciendo aceleradamente, la explotación agrícola se ha industrializado y la producción ha perdido vínculos con la vida en el campo, fenómenos plenamente visibles en aquellas comarcas o zonas de cultivo más boyantes económicamente—una agricultura eficiente en pueblos declinantes—crece la amenaza de la perspectiva extractiva. Evitar lo extractivo, no concebir el espacio del medio rural como simple recurso de materias primas, mineras, forestales, ganaderas o el sector de las energías renovables, hoy ejemplo flagrante de la implantación poco planificada de instalaciones y la devaluación paisajística, significa entender y evaluar en toda su complejidad ecosistémica, socioeconómica y cultural, lo rústico y repensar el papel sustancial de los núcleos rurales. Contrarrestar la atonía o la postración del

mundo rural con nuevas tensiones territoriales y actividades productivas exógenas, bien derivadas de la adulteración turística, bien de la recolonización industrial o las grandes infraestructuras, no parecen las sendas adecuadas y menos como alternativas unívocas.

Atender con respeto las demandas, valores y problemáticas sobre la vida rural al presente, enfocar bien los debates y disyuntivas entre conservar o reactivar el medio rural -como bien reclama el profesor A. Magnaghi-, implica evitar las lecturas simplificadoras, entre ellas la devaluación cultural que supone soslayar los “modos de vida” —según nos recuerda en este mismo trabajo el profesor Rui Braz Afonso— como constitutivos esenciales del paisaje en su entendimiento profundo.

Desarrollar en el sentido antes referido una visión operativa del paisaje y sus potencialidades —entendido como herramienta polivalente de comprensión, de planificación y de intervención—trascendiendo su mera concepción como recurso económico, supone en todo caso abordar reflexiones sobre cuestiones fundamentales, inexorables para enfrentar el declive y proyectar la recuperación. Si no restañar las pérdidas, tratar de corregir la decadencia; vislumbrar un horizonte de futuro para nuestros territorios.

NOTAS

1 Modos de vida e paisagem, Pequeños centros urbanos na *Raya Seca*. Coleção *Landscape in traslation*. Ed. CEAU. FAUP, 2022. Braz, Rui; Ladiana, Daniela y Vaz, Domingos. Para acercarse al ingente trabajo sobre la fotografía de paisajes de Miguel Martín: www.miguelmartinfo.com/paisajes.html

2 Un aspecto no demasiado analizado en esta comarca es el que atiende a su construcción como paisaje, mucho más reciente de lo esperable o deducible en una aproximación histórica sin contrastar. La simple comparación de las imágenes del territorio, desde el vuelo americano (1956) hasta hoy, permiten detectar una intensificación de la transformación y los procesos de explotación agrícola en las últimas décadas del siglo pasado. Desde los años 60 y 70, no solo se construyen carreteras, puentes y múltiples infraestructuras, también se extiende la forestación y crecen huertas y bancales notablemente en paralelo a la expansión de los caseríos de los núcleos y a su dotación de servicios básicos.

3 Las estrategias y abusos de las políticas patrimonializadoras en materia cultural, y sus reductivas visiones como recurso económico, sobre todo en la precariedad socioeconómica de los marcos rurales, es pareja a la extensión por dilatación de las valoraciones del patrimonio cultural, de lo monumental al territorio, de lo tangible a lo intangible, y de lo consensuado -legitimado- a lo publicitario.

4 Se estima, presumiendo que la estadística aquí camina detrás de la realidad, que unos 232 núcleos son despoblados solo en la Comunidad de Castilla y León (más del 10%), aún lejos de las cifras desoladoras de

Galicia o Asturias, regiones de la España cantábrica y húmeda con un sistema de asentamientos menores y dispersos diferente al de la Iberia interior.

5 Las imágenes de la memoria, fundamento de partida para esta investigación, en su intento por integrar las memorias de las imágenes, esto es, de aquellos imaginarios y construcciones culturales de los pobladores del medio rural, detectan, entre la ironía afectuosa y la violencia del contraste, fuertes procesos de mistificación devaluadora. Despojamientos y dobles pérdidas de los habit antes “resistentes”.

6 Los pecios de tantas extinciones arrojan en ocasiones una lectura histórica no exenta de interés. Ruinas de un pasado reciente, muestras fragmentarias de un sistema de actividades en torno a las carreteras tradicionales, cuyas recurrencias figurativas y memoriales suscitan a veces efectos de innegable valor plástico o documental. Existe prácticamente una subcategoría fotográfica, con fuertes resonancias del cine y la cultura beatnik norteamericanos, que se ocupa de estos motivos y que las imágenes de M. Martín rescatan en nuestras geografías con su personal mirada.

	Grados de actividad → Pérdida de vitalidad				
Estado físico Transformación	Sobral São Miguel				
		Las Hurdes Martilandrán Castillo			
			Castelo Mendo	Bemposta	
				Las Hurdes Riomalo de Arriba Avellanar	
					Grandes (Porqueriza) (Horcajada)

Tabla 1.

Núcleo (Municipio) – Comarca - País	Población 1970 *	Población actual
Sobral de São Miguel (Covilhã) – Serra da Estrela - Portugal	1197	200
Martilandrán (Nuñomoral) – Las Hurdes Cáceres - España	n.e. Nuñomoral 2824	112 Nuñomoral 1272
Castillo (Pinofranqueado) – Las Hurdes Cáceres - España	n.e. Pinofranqueado 2520	65 Pinofranqueado 1686
Castelo Mendo (Almeida) – Guarda- Portugal - España	319	67
Bemposta (Penamacor) – Portugal	440	98
Riomalo de Arriba (Ladrillar) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Ladrillar 1045	4 Ladrillar 184
Avellanar (Pinofranqueado) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Pinofranqueado 2520	15 Pinofranqueado 1686
Horcajada (Nuñomoral) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Nuñomoral 2824	3 Nuñomoral 1272
Grandes (Cipérez) – Tierra de Vitigudino - España	62	0
Porqueriza (La Mata de Ledesma) – Tierras de Ledesma - España	e.n. La Mata de Ledesma 299	0 La Mata de Ledesma 106

Tabla 2.

PRINCIPAIS INTENÇÕES DA VIAGEM

Gregorio Vázquez Justel

Arquitecto Urbanista

Um conjunto de povoações e aldeias, pequenos assentamentos históricos em meio rural, territórios do interior ibérico em despovoação, relativamente afastados das dinâmicas urbanas e submetidos a processos de forte transformação por decadência; em torno da *Raya Seca* é-nos oferecido um amplo mostruário de exemplos, representativos de uma realidade tão extensa como diversa nas suas casuísticas de deterioração. Realidade territorial tão próxima como distante; dolorosamente inesgotável. A seleção partiu tanto de uma intenção de qualificação como de um reconhecimento direto dos casos. Nesta visão seletiva dos núcleos, comporta um peso considerável a participação do fotógrafo, a sua valorização pessoal e validação dos locais, interpretação primordial ou pelo menos cogenerativa na elaboração do discurso.

Esta aproximação ao estudo parte de uma série de aferições prévias, sob critérios e objetivos que prefixaram uma delimitação territorial, um objeto central de atenção e uma série de materiais preparatórios—trabalhos prévios e publicações, conhecimento e envolvimento dos autores com povoações e paisagens, interesses disciplinares específicos e partilhados—que contribuíram para tecer e definir um conjunto de “afinidades eletivas”. Argumentos para a articulação de uma narrativa, em suma, que procure um sentido, uma intenção participada e reconhecível na criação do trabalho e uma direção ou intenção de significado(s) ao resultado aqui sintetizado e apresentado em duas peças, capítulos autorais separados embora tão radicalmente ligados como movimentos de uma composição musical.

Entre os princípios e critérios motores, foram definidas como marcas de aferição para o prelúdio de inventário as seguintes:

i) Espaços em torno da geografia da *Raya Seca* luso-espanhola no limite com o sul de Castela e Leão e norte de Extremadura, entre o Douro e o Tejo, embora sem uma aferição determinante a priori...que permitiram a sua extensão até às Hurdes da Extremadura e a serra de Salamanca ou a da Estrela em Portugal.

ii) Povoações em perda, pequenas aldeias rurais com processos acentuados de transformação física, social e funcional, em estruturas de assentamento tradicional, cujos graus de alteração ir-se-ão decantando na análise do estudo.

iii) Conhecimento e experiências prévias de cada participante, vinculação—profissional, cultural, emocional—com os lugares, paisagens e camponeses, um mundo ilimitado e inevitável de antecedentes.

Sobre este argumento de saída, muitos quilómetros e conversações entre Espanha e Portugal, horas de visão atenta, intercâmbios e leituras partilhadas, foi-se construindo uma armação cujas peças, situações, testemunhos e casuísticas diversas foram engrenando tranquilamente. O processo indutivo dos casos, sob a escolha do fotógrafo observador, dirigido à geração do discurso de ordenação, e o regresso do discurso à compilação e classificação de inventário deram frutos nas referidas viagens e interações até decantar na proposta narrativa aqui formulada. Sem pretensão de exaustiva taxonomia nem de exaustão conceptual ou representativo da complexa e instável, sem dúvida decadente, realidade territorial observada. Procurando transcender a produção de testemunha. Também evitar a (impossível) substituição ou interação de toda investigação sobre a realidade observada, aqui alguns territórios em deterioração generalizado, com múltiplos testemunhos

de deterioração e desaparecimento, perdas em suma, como objeto de atenção.

As imagens de Miguel Martín não são ilustrativas da exploração, evitando inclusive o que é descritivo e, em todo caso, transcendendo-o, procuram o seu próprio exame dos locais, a sua autonomia de indagação, suscitam um correlato que tem tanto de essencial como de enriquecedor no projeto.

Este texto não pretende senão esclarecer, a partir do trabalho apresentado e os respetivos materiais, dos exemplos e o seu sentido de representação, alguns componentes e intenções; talvez proporcionar outra leitura, desde uma perspetiva própria, sem dúvida tendenciosa e parcial, evitando a intermediação, ou seja, evitando uma fixação como intenção mediadora entre a visão pessoal do artista—eloquente nas próprias imagens da publicação—e os objetivos motores da investigação territorial e urbanística na sua tendência académica, a defesa lançada pelo professor Rui Braz de uns modos de vida como intrínsecos às paisagens que produziram, num meio rural em acentuada decomposição.

Uma taxonomia indexada—indicial— que surge de uma necessidade interpretativa, como uma espécie de interposição metodológica que procura orientar as leituras. Entre a intuição percetiva do artista e a ordenação de qualificação do académico, entre a visão essencial identificadora, rastreadora do carácter e caracterizadora por sua vez, evitando o que é de referência no seu sentido demonstrativo, e a exigência explicativa, própria do discurso expositivo e justificador da investigação.

Entre a nomeação, o nome das coisas— ou das suas categorias— e a adjetivação, as respetivas qualidades e moderações, o verbo. Ver, Conhecer, Explicar, Agir... Salvar.

INTENTO DE CLASSIFICAÇÃO PARA A COMPREENSÃO DOS NÚCLEOS RURAIS EM DETERIORAÇÃO

A necessidade de classificar para o entendimento ou de ordenar para a compreensão inerente a tantos saberes e disciplinas, que no caso das que são voltadas para o território, para as realidades sempre complexas do meio rural tão alterado, não podem evitar uma intenção prospetiva. Pensar—Qualificar e, além disso, Conhecer para Agir, um paradigma dos estudos territoriais e da urbanística no respetivo sentido e escalas amplos, que não pode esquecer o posicionamento projetivo, dirigido para alterar uma realidade, algumas tendências e dinâmicas de perda, deterioração e destruição de um mundo e formas de vida, de assentamentos e de exploração do meio rural.

A contemplação da hecatombe sugere ao poeta, afronta ao viajante sensível, responsabiliza— ou deveria— qualquer cidadão e compromete o profissional, mero estudioso ou planeador, para procurar a cura, tratando de moderar ou inverter processos de destruição, mobilizar alguma esperança ou alento nesses territórios, disputar com a irreversibilidade fatalista.

Na seleção que nos interessa de casos de análise, existem situações positivas que induzem a ilusão. Lugares que souberam (ou que lutam para) inverter as dinâmicas de perda, abandono populacional ou de atividade, fazendo por manter em vida alguns núcleos rurais e preservar

o respetivo carácter, paisagens e estruturas produtivas conexas. Salienta-se o exemplo de Sobral de São Miguel como possível modelo de resistência e um saber-fazer. A partir dessa categoria, referência positiva do estudo, avança a atonia, a destruição e as perdas, com processos repetidos que convém analisar, por vários graus de evolução e níveis de transformação que culminam com a situação extrema da ruína total.

Um esquema de qualificação, a partir dos componentes de atividade e do nível de transformação física ou material dos núcleos, procura facilitar a localização orientadora dos exemplos abordados. Sobre esta grelha de ordenação, seria de sobrepor ainda o fator das paisagens agredidas pelo progresso, transversal nos seus diversos graus a todas as situações mapeadas (ver tabela 1).

CASUÍSTICAS, GRAUS E PROBLEMAS DE FAMÍLIA

Desde os enclaves mantidos na sua configuração física tradicional— com muitos matizes por substituições e evolução, inclusive naqueles aparentemente preservados como Sobral de São Miguel (Covilhã), até mesmo aqueles que são pura ruína, fruto do abandono populacional integral como Grandes (Salamanca), regista-se um amplo gradiente de situações intermédias conforme o grau de perda afete, em maior ou menor medida, as estruturas físicas— tanto as urbanas do assentamento como as da paisagem tradicional vinculada à exploração pelas atividades agropecuárias e florestais— bem como a alteração das sociais, a começar pelo despovoamento generalizado (ver tabela 2).

Sobral de São Miguel, um núcleo menor do Concelho da Covilhã surge num estreito vale— Serra de Açor

— dentro da Serra da Estrela, apoiando a respetiva estrutura de assentamento em fileiras estendidas sobre as curvas topográficas, e articulado em socalcos e muros de retenção sobre um complexo hidráulico de grande interesse. A riqueza do artifício hidráulico e a proteção climática da localização no vale têm produzido um rico pomar de hortas e cultivos mediterrâneos— oliveiras, vinhas, frutados, legumes— onde reservatórios, canais e noras, serpenteiam colinas em socalcos cujo grau de manutenção é hoje surpreendente.

Os apenas 200 habitantes atuais têm sabido manter ou, conforme o caso, recuperar algumas paisagens construídas para a exploração agrícola e o consumo próprio, refundando sem alterar o respetivo caráter o sentido do núcleo tradicional, as suas habitações— em grande parte reabilitadas sem barreiras estilísticas ou inclusive substituídas— e construções conexas— moinhos, lagares, masseiras, tanques de lavar, pontes— paralelamente aos interesses e valores partilhados dos respetivos habitantes. A capacidade de alguns coletivos locais e o compromisso demonstrado com o lugar conseguiram reutilizar espaços e algumas estruturas para novas dotações, melhorando serviços e qualidade de viver; assim, consegue-se aqui um caso virtuoso de regeneração, um modelo excecional onde a conservação ou recuperação, usos e atividades, avança em parceria com a conservação da vida rural, com os seus sentidos de identidade e pertença, em definitivo com os seus legítimos valores patrimoniais. No entanto, ao salvar o caso singular de Sobral, representativo de uma escassa categoria de lugares em luta bem-sucedida contra a deterioração e destaque de referência positiva da exploração realizada, a estrutura de graus e categorias

divide-se numa variedade expansiva de situações íspares que a matriz ordenadora faz por sintetizar.

Nesta malha ou cartografia explicativa, encontramos lugares— comarca de Las Hurdes na Extremadura— nos quais a evolução e a modernização da vida rural, incorporando meios e padrões urbanos, preservou a atividade e vida nos núcleos, pagando um preço quer de uma transformação substitutiva radical das edificações e casarios tradicionais, quer de uma relativa preservação— falsificada— mas associada a novas formas de exploração económica— ou campo mecanizado— que essas, sim, alteraram totalmente quando não abandonado os sistemas de exploração históricos. Aldeias renovadas junto de paisagens fósseis— sistemas de agricultura em pequena escala e dividida em lotes, impossível de mecanizar e insustentável nos seus rendimentos antigos— coexistem com aldeias ou assentamentos que aparentemente mantiveram a sua fisionomia ou estruturas arcaicas, mas baseados noutra economia de subsistência ou altamente subsidiada.

Este último fenómeno, extensivo do meio rural em grande parte da Europa e acentuadamente nas nossas regiões latinas, aparece aqui em diversas manifestações, coexistindo vestígios de atividades tradicionais mais ou menos modernizadas e mais ou menos subsidiadas, com fórmulas residuais de cooperação popular ou, principalmente, com rendimentos exógenos— regressos de moradores, turismo rural, pensionistas.

São situações recorrentes em comarcas como Las Hurdes, presentes no caso de Martilandrán (152 habitantes recenseados) pertencente ao município de Nuñomoral, com o espetacular anfiteatro da respetiva implantação e os seus pinturescos meandros, socalcos

talhados na montanha e hoje semiabandonados, ou de Castillo (86 hab.) município de Pinofranqueado, lugares que enfrentam a sua sobrevivência, frente a outros núcleos em deterioração total de atividade e população como Avellanar (12 habitantes recenseados), também no termo de Pinofranqueado; Riomalo de Arriba (14 hab.) entidade pertencente a Ladrillar, ou como Horcajada—este última uma alcaria de Nuñomoral hoje totalmente despovoada—aldeias dizimadas nos quais a escassa subsistência populacional hoje se reduz praticamente a classes passivas e pensionistas.

Lugares remotos desta comarca de Las Hurdes, com uma geografia abrupta e mitificada na História espanhola como símbolo de atraso e miséria, logo pomar agradável pelas águas domesticadas durante décadas de esforço e agricultura heroica, hoje reduzidos a aldeias pitorescas tracejando uma paisagem “arcaica” ao que surgem miradouros e sendas para o turista contemplativo. Uma paisagem pelo demais fortemente povoada em épocas não tão pretéritas, maioritariamente colonizada, replantada e cultivada na segunda metade do século passado.

Uma classe particular é a das aldeias pitorescas, aqueles objeto da exploração turística, categoria que estaria inscrita numa posição central da nossa qualificação, em tanto mantém, de forma relativa, as qualidades e fisionomia dos núcleos tradicionais e os respetivos ambientes históricos, preservação ainda que epitelial, como cenário da visita e a atividade turística, com toda uma ampla gama de graus e problemáticas inerentes a estes processos de reabilitação ou reinvenção. O aspeto turístico em muitos desses locais é concebido como um recurso de salvaguarda complementar, que procura conviver com a economia tradicional e a vida quotidiana,

embora acabe frequentemente encurralando ou extinguindo como alternativa mais rentável os usos do passado.

Inseridos em redes e programas institucionais—aldeias de xisto, aldeias históricas, povoações mais bonitas de—apostam na atração do turismo, com todas as suas modalidades, atividades conexas, e possibilidades e impactos, a esperança da revitalização, enfrentando uma extinção ou pelo menos travando o recuo para manter o pulsar, embora o corpo—restaurado—e a alma—mercantilizada—sejam outras. Entre o bonito cadáver, a “bela figura” que consegue maquilhar os ambientes e (restos de) estruturas monumentais e pautas de consumo “cultural” tão banais como mistificadoras, a luta pela sobrevivência procurada nos valores patrimoniais—históricos, arquitetónicos, urbanos ou arqueológicos, etnográficos ou toda a expansão de elementos imateriais e intangíveis—a “reinvenção” dos locais costuma acabar falseando quando não embalsamando as respetivas realidades e aniquilando aquela vida que pretendiam salvaguardar.

Castelo Mendo consiste em um Conjunto Histórico que constitui um claro exemplo dentro de uma nutrida plêiade de situações análogas, locais urbanos conformados como ou junto de fortificações fronteiriças (Castelo Melhor, Castelo Bom, Sabugal, Vila do Touro, Vilar Maior...), aos que bem poderiam ser adicionados aqueles povoados categorizados como “históricos” ou integralmente monumentais, conjuntos de inventário como tais (IPA) ou declarados como BIC no caso espanhol (Almeida, Alpedrinha, La Alberca - Mogarráz, Miranda e San Martín del Castañar, Sequeros -, Belmonte, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Granadilla, Gata e Robledillo de Gata, Idanha-a-Velha, Ledesma,

Linhares, Marialva, Monsanto, Montemayor del Río, Penamacor, Piódão, San Felices de los Gallegos, Sortelha, Trancoso). Uma importante lista de aldeias e conjuntos históricos de inequívoco valor cultural que, na sua maioria, reorientaram as suas estratégias económicas até à exploração das atividades turísticas, de forma mais destacada pela intensidade dos efeitos ocorridos naqueles de menor tamanho / população, e onde a aposta, de um modo geral, suscita mais interrogações do que respostas unívocas ou inspiradoras.

Bemposta (de Penamacor), antiga freguesia (atualmente unida com a de Pedrógão de São Pedro, no distrito de Castelo Branco) hoje com menos de 100 habitantes, uma paragem de percurso romano— medieval a Santiago — que sem atingir categoria monumental, mantém indemne a sua fisionomia pedregosa. Uma aldeia silenciosa e mineral, onde as formas são diferenciadas apenas pelo formato das pedras e leves sombras que delimitam o horizontal e o vertical; um local cercado de muralhas, ruas e praças, calvário, escadinhas e pelourinho..., sendo recortada sobre um céu limpo, bem como uma aspiração museificada de futuro.

Atendendo a vitalidade dos núcleos, no sentido de população residente e serviços, podemos ainda fazer uma gradação transversal, conforme se os locais resistentes— resilientes, diríamos hoje— mantêm a atividade tradicional da exploração do meio, ou ainda sejam encontrados congelados, com abandono efetivo das atividades do campo— aldeias de aposentados e classes passivas. Depois seguem, na maioria, aqueles cuja resistência já está comprometida, entregue a umas últimas gerações de idosos residentes ou a aquela, ligeiramente mais duradoura, dos materiais de construção. Os níveis de deterioração social e espacial,

intimamente ligados, são tão extensos por diversidade e amplitude como intensos nos seus efeitos, sendo que o exercício ingrato da sua graduação apela mais à adjetivação particularizada, ao reconhecimento de padrões e normas sobre cada lugar, que à incómoda estatística indiferenciada, mais voltada para a piedade do que para o requiem.

No último elo da casuística estudada, não por extremo mais infrequente, estão as aldeias abandonadas, aquelas nas quais já se extinguiu o gotejamento agonizante dos seus moradores, com os vazios de vida a devolverem à terra as respetivas ruínas e restos materiais. Este último trance é algo mais lento mas irreversível. Os casos salmantinos de Grandes— Tierras de Vitigudino — ressonante de tragédias e vidas de miséria, ou o casario adjacente de Porqueriza, em La Mata de Ledesma, eloquentes mostruários da desolação e da ruína, refletidos nos trabalhos e nos dias do fotógrafo M. Martín, deixam supor apenas exemplos de uma realidade de números enormes. Horcajada em Las Hurdes, também referido neste glossário de perdas, é um dos 14 assentamentos oficialmente recenseados como despovoados, numa comarca com acentuadas tendências para o aumento do fenómeno.

A corrosão do tempo apodera-se com mais intensidade naqueles locais onde desapareceu a atividade agropecuária tradicional, onde as vinculações diretas entre espaços de vida e de trabalho foram-se diluindo e as construções especializadas, onde a gestão da terra ou da água remete-se a expedientes administrativos ou ações públicas— por via de subvenção habitualmente — longe do trabalho persistente e quotidiano dos habitantes. Um empobrecimento funcional em suma, conhecido e cujos corolários de deterioração material,

económico e patrimonial, de perda de costumes e valores rituais, culturais e identitários, agudizam-se com a agressiva irrupção dos novos usos e técnicas no mundo rural, instalações e edifícios, cujas lógicas de adequação contextual e preocupações pelo respeito para com o entorno e a paisagem, urbano e rural, costumam mostrar-se ausentes.

Outro capítulo incontornável na análise destes locais em transição ou forte transformação tem a ver com a avaliação das alterações físicas e os impactos territoriais, um aspeto relativamente transversal que, em quanto alude à paisagem e à imagem dos lugares, é rastreável em praticamente todas as situações consideradas. O grau da incidência, por escala ou por intensidade, é tão variável como o território. Dos grandes impactos—novas infraestruturas de comunicação, explorações a céu aberto, plataformas logísticas, periferias suburbanas em dispersão—aos restos de outros usos extinguidos—gasolineiras, oficinas, motéis e clubes, cartazes publicitários—passando por residências e explorações—granjas, capoeiras, silos e celeiros, naves, hortos—cuja estado decrépito ou de abandono se tornou em ruínas.

Neste muito vasto e inesgotável mostruário de desastres que traduzem a desvalorização da paisagem e da respetiva fisionomia, não podemos esquecer a sistemática degeneração das aldeias, das formas e tipologias dos assentamentos tradicionais, submetidos a uma intensa substituição quando não orlados por novas periferias—naves, blocos e fileiras de casas unifamiliares geminadas—tão alheias como indiferentes em relação ao núcleo original. Existem algumas dinâmicas também sistémicas e muito diversas nas suas suas agressões, que revelam uma rutura essencial entre as ligações do urbano com o meio natural, tendo alterado as lógicas de

integração das construções e estruturas tradicionais com as explorações agrícolas da sua envolvente, gravemente afetando e de modo extensiva as paisagens dos ambientes rurais.

Problemática que nos fala do descuido, quando não desprezo, pelos valores da paisagem—culturais, ambientais, estáticos—de uma indiferença para com o passado e o nosso património, a nossa cultura, mas também desatenção para com o futuro dos seus habitantes, o nosso futuro. Algo que se cifra nos nossos âmbitos territoriais de investigação, de forma tão heterogênea e díspar que o seu diagnóstico completo, tão-somente o seu inventário, iria requerer outro trabalho paralelo, devido à sua complexa classificação e insondável extensão.

Olhar com intensidade, com atenção reflexiva, como bem transmitem as fotografias de Miguel Martín neste trabalho, não significa evitar a visão crítica ou desfocar o rasgo, os desastres.

INVOCÇÕES À AÇÃO REFLEXIVA

Quando o aspeto rural, como forma de vida integrada com o meio, foi desaparecendo de forma acelerada, a exploração agrícola foi-se industrializando e a produção perdeu vínculos com a vida no campo, fenómenos plenamente visíveis naquelas comarcas ou zonas de cultivo mais dinâmicas em termos económicos—uma agricultura eficiente em aldeias em declínio—cresce a ameaça da perspetiva extrativa. Evitar o elemento extrativo, não conceber o espaço do meio rural como simples recurso de matérias-primas, mineiras, florestais, pecuárias ou o setor das energias renováveis, hoje exemplo flagrante da implantação

pouco planeada de instalações e a desvalorização paisagística, significa entender e avaliar, em toda a sua complexidade ecossistémica, socioeconómica e cultural, o aspeto rústico e repensar o papel substancial dos núcleos rurais. Contrariar a atonia ou a prostração do mundo rural com novas tensões territoriais e atividades produtivas exógenas, quer derivadas da adulteração turística, quer da recolonização industrial ou as grandes infraestruturas, não parecem as sendas adequadas e menos como alternativas unívocas.

Atender, com respeito, as exigências, valores e problemáticas sobre a vida rural no presente, focar bem os debates e alternativas entre conservar ou reativar o meio rural— tal como bem reclama o professor A. Magnaghi— implica evitar as leituras simplificadoras, entre elas a desvalorização cultural que supõe ultrapassar os “modos de vida”— conforme nos lembra, neste mesmo trabalho, o professor Rui Braz Afonso— como elementos constitutivos essenciais da paisagem no seu entendimento profundo.

Desenvolver, no sentido supracitado, uma visão operativa da paisagem e as suas potencialidades— entendido como ferramenta polivalente de compreensão, de planeamento e de intervenção— transcendendo a sua mera conceção como recurso económico, em todo caso pressupõe abordar reflexões sobre questões fundamentais, inexoráveis para enfrentar a deterioração e projetar a recuperação. Se não forem tratadas as perdas, procurando corrigir a decadência; vislumbrar um horizonte de futuro para os nossos territórios.

NOTAS

¹ Modos de vida e paisagem, Pequenos centros urbanos na Raya Seca. Coleção Landscape in translation. Ed. CEAU. FAUP, 2022. Braz, Rui; Ladiana, Daniela e Vaz, Domingos. Para consultar o vasto trabalho sobre a fotografia de paisagens de Miguel Martín: www.miguelmartinfo.com/paisajes.html

² Um aspeto não demasiado analisado nesta comarca é o que atende a sua construção como paisagem, muito mais recente do que é expectável ou deduzível numa aproximação histórica sem contrastar. A simples comparação das imagens do território, desde o voo americano (1956) até hoje, permitem detetar uma intensificação da transformação e os processos de exploração agrícola nas últimas décadas do século passado. Desde os anos 60 e 70, não só foram construídas estradas, pontes e múltiplas infraestruturas, também se estende a florestação e crescem hortos e socos notavelmente em paralelo com a expansão dos casarios dos núcleos e à sua dotação de serviços básicos.

³ As estratégias e abusos das políticas patrimonializadoras em matéria cultural, e as respetivas visões redutoras como recurso económico, sobretudo na precariedade socioeconómica dos contextos rurais, é parceira da extensão por dilatação das valorizações do património cultural, dos elementos monumentais ao território, do tangível ao intangível, e do consensual—legitimado—ao publicitário.

⁴ Partindo do princípio de que a estatística aqui caminha atrás da realidade, estima-se que cerca de 232 núcleos são despovoados apenas na Comunidade de Castela e Leão (mais de 10%), ainda que longe dos números desoladores

da Galiza ou das Astúrias, regiões da Espanha cantábrica e húmida com um sistema de assentamentos menores e dispersos que diverge da Ibéria interior.

⁵ As imagens da memória, fundamento de partida para esta investigação, na tentativa de integrar as memórias das imagens, ou seja, de aqueles imaginários e construções culturais dos moradores do meio rural, detetam, entre a ironia afetuosa e a violência do contraste, fortes processos de mistificação desvalorizadora. Despojamentos e perdas duplas dos habitantes “resistentes”.

⁶ Os destroços de tantas extinções por vezes projetam uma leitura histórica não isenta de interesse. Ruínas de um passado recente, mostras fragmentadas de um sistema de atividades em torno das estradas tradicionais, cujas reincidências figurativas e memoriais por vezes suscitam efeitos de inegável valor plástico ou documental. Existe praticamente uma subcategoria fotográfica, com fortes ressonâncias de cinema e da cultura beatnik norte-americanos, que se ocupa desses motivos e que as imagens de M. Martín recuperam nas nossas geografias com a sua visão pessoal.

	Grados de actividad → Pérdida de vitalidad				
Estado físico Transformación	Sobral São Miguel				
		Las Hurdes Martilandrán Castillo			
			Castelo Mendo	Bemposta	
				Las Hurdes Riomalo de Arriba Avellanar	
					Grandes (Porqueriza) (Horcajada)

Tabela 1.

Núcleo (Municipio) – Comarca - País	Población 1970 *	Población actual
Sobral de São Miguel (Covilhã) – Serra da Estrela - Portugal	1197	200
Martilandrán (Nuñomoral) – Las Hurdes Cáceres - España	n.e. Nuñomoral 2824	112 Nuñomoral 1272
Castillo (Pinofranqueado) – Las Hurdes Cáceres - España	n.e. Pinofranqueado 2520	65 Pinofranqueado 1686
Castelo Mendo (Almeida) – Guarda- Portugal - España	319	67
Bemposta (Penamacor) – Portugal	440	98
Riomalo de Arriba (Ladrillar) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Ladrillar 1045	4 Ladrillar 184
Avellanar (Pinofranqueado) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Pinofranqueado 2520	15 Pinofranqueado 1686
Horcajada (Nuñomoral) – Las Hurdes Cáceres - España	e.n. Nuñomoral 2824	3 Nuñomoral 1272
Grandes (Cipérez) – Tierra de Vitigudino - España	62	0
Porqueriza (La Mata de Ledesma) – Tierras de Ledesma - España	e.n. La Mata de Ledesma 299	0 La Mata de Ledesma 106

Tabela 2.

LUGARES EM PERDA NA RAYA SECA VIDAS E PAISAGENS

Rui Braz Afonso

*Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

O futuro passa pela construção de uma paisagem viva, evolutiva e segura, onde a simbiose entre a humanização e a paisagem seja um ativo social, organizativo e económico de referência.

Fernanda do Carmo, D.G. Território, 2023.

MODOS DE VIDA

Olhando o território do interior rayano ibérico, é perceptível um *desatendimento*, uma desproteção, um descuidamento das condições de manutenção dos elementos que suportam a vida humana. Observando alguns dos lugares da raya é possível identificar alguns dos efeitos desta desproteção sobre os modos de vida tradicionais, ligados ao mundo rural, que podem significar o abandono dos pequenos centros urbanos, a sua transformação com novas formas de ocupação do território em geral ligadas ao cultivo da terra e às novas construções relativas à alteração da vida humana, ou ainda a transformação da paisagem para acolher as novas funções das actividades económicas, sejam estas produtoras de bens ou de serviços, como as plataformas industriais e logísticas ou o acolhimento a forasteiros em busca do bem estar associado à vida ao ar livre embrenhada na “natureza” ou em busca de ambientes ligados a modos de vida tradicionais, a chamada “fruição lenta do território”.

O território está submetido a fortes pressões por parte da sociedade, solicitando as pessoas

adequações às suas exigências na ótica do melhoramento das condições de vida, com os agentes da transformação em busca de uma nova imagem territorial, identitária e reconhecível a nível local e supra local. A caracterização do carácter identitário implicará a construção de um observatório permanente de modo a conhecer e interpretar a realidade e as transformações que se verificam, elaborando um ábaco dos elementos que o caracterizam de modo a definir uma hierarquia dos valores reconhecíveis que permita estabelecer um olhar capaz de impor-se como uma força centrípeta agregadora das “forças vivas”, como energia propulsora da valorização do território no seu todo.

Trata-se de construir um “depósito vivo” de valores reconhecíveis e reconhecidos do património construído identificável, físico ambiental e paisagístico, e do património imaterial e simbólico, como um “tesouro” que deverá ser defendido e mantido aberto para servir a comunidade presente no território e os que demandem a origem da cultura dos locais, estimulando o seu enriquecimento permanente através de contributos pertinentes que aumentem a capacidade de interpretação de Restos y Rastros.

Um primeiro passo a dar será o de identificar aqueles elementos e interpretar a sua participação e interação no conjunto dos elementos dos vários

domínios, para entender o papel de cada um de per si na definição do “espírito do lugar”, com características próprias e portanto diferente e único, resistindo ao tendencialmente avassalador efeito “parque temático”, onde pessoas procurando a “identidade perdida”, e com grande poder de compra, se confrontam com locais que são em geral considerados “pitorescos” mas sem capacidade de defesa perante os valores que acabam sendo “engolidos” com os seus hábitos e costumes pela procura.

Uma questão que se apresenta como relevante neste confronto é o problema da “modernização” de costumes e de reivindicações de satisfação de novas necessidades e aspirações. E a tendência é voltar a habitar e viver, mas com condições que provocam destruição de pré-existências caracterizadoras da identidade local, com consequências degradadoras da qualidade do modo de vida, com intervenções de adaptação às novas exigências decididas por vezes com critérios agressivos para o território, para o ambiente e para o conjunto construído, tendentes a diminuir o valor atribuído ao lugar. Estas formas de domínio do território conduzem a um mimetismo nem sempre referido à tradição local e que tendem a adulterar o ambiente e a imagem dos conjuntos construídos.

Um dos lugares em perda observados coloca este problema de forma gritante. O caso de Las Hurdes, em que o retorno de população emigrada para centros produtivos de alta produtividade provoca uma “modernização” do modo de uso do lugar, para assim se adaptar às exigências absorvidas “fora” e que se transladam para “dentro”, provocando transformações nos hábitos e costumes das gentes, que a introdução do “novo”, quase sempre de forma aculturada, provoca.

O processo assim desencadeado acaba provocando uma alteração do modo de vida e da sua relação com os elementos caracterizadores do “espírito do lugar”, criando contrastes entre “os modernos” e os que vivem “à moda antiga”, fazendo acelerar a substituição das qualidades da vida humana, e transformando aqueles elementos em direção de uma nova forma de os interpretar, de os assimilar, e de os integrar no modo de vida.

Este fenómeno tende a degradar as relações de tais elementos entre si e a provocar uma alteração da sua interação no conjunto, criando condições de perda do sentido de pertença, agravando a condição de perda. Acreditando que se promove o bem estar, acaba-se difundindo a ideia da impossibilidade de um repovoamento ligado à paisagem produtiva, e instalando a dimensão “aldeia de férias no ambiente rural” ou “parque

temático da vida antiga”, como parece ser o caso de Castelo Mendo.

Aqui, abandonada a vida do campo, que não resiste com a sua limitada produção à invasão do produto agrícola “embalado” dos centros de distribuição, degrada-se a relação com a paisagem produtiva restando apenas um conjunto construído que resiste ao tempo, mas que por envelhecimento dos residentes, vai ficando “vazio”, criando atração para que seja ocupado por gentes urbanas “em busca do tempo perdido”, da “vida autêntica em sítio autêntico”, corrompendo o carácter do sítio, para usar a expressão de Richard Sennett, compelindo os residentes à condição de potenciais novos “servos da glebe”.

Além, em Bemposta, o fenómeno do abandono na vida no campo encontrou um elemento de resistência à descaracterização, em parte devido à ação de naturais não residentes, que de forma organizada têm vindo a promover o estudo e valorização dos elementos caracterizadores do carácter do sítio e do “espírito do lugar”, contribuindo para diminuir o abandono e exaltando o sentido de pertença, com a consequente defesa dos valores locais. E considerando os lugares abandonados, consequência de crises da produção agrícola e do envelhecimento geracional, ou por terem

associados no tempo uma maldição, um confronto violento de pessoas, vemos ruínas que são a memória de outros modos de vida e de outras expectativas, que não resistiram à atração da vida urbana, mas que se impõem como monumentos à vida rural, à vida no campo de outros tempos. Também no território se observam ruínas de outros tempos, mas associadas a um modo de vida com ligações à cultura do lazer, por vezes situadas em lugares “isolados”, ou grandes áreas resultantes de utilização ligada a instalações implantadas para responder a procuras efémeras, que não se reconverteram para resolver novas necessidades, constituindo-se como feridas agrestes na paisagem tranquila.

E ainda, o tema da relação dos lugares em perda com a paisagem e de como o modo de vida dos residentes se apoia na exploração produtiva da paisagem, criando condições de permanência mais sólidas, e de resistência ao abandono. O caso de Sobral de S. Miguel parece ilustrativo deste princípio pois parece que é um Lugar em que existe um forte estímulo ao reconhecimento da identidade própria, e da importância das relações estabelecidas entre o lugar e a sua envolvente paisagística enquanto geradora de produção que contribui para a persistência do modo de vida, e para retardar o abandono com a convicção de o tornar reversível.

MODO DE VIDA E PAISAGEM

O Lugar esvazia-se e sofre desatendimento. A comunidade de residentes, noutros locais, povoam a sua imagem em memória, como diz Vito Teti. A memória dos lugares de origem, alimentada por migrantes, sobrevive e é reforçada, em lugares virtuais, recriando um sentido de identidade e de pertença que alimenta a esperança de um retorno à vida rural. Mas o que se perde e dificulta esse retorno ao paraíso é a perda da relação com a paisagem.

Um lugar no mundo rural extingue-se quando se perde a relação dos residentes com a paisagem produtiva que os “alimenta” e que permite defender o modo de vida “natural e tranquilo” a que se atribui a qualidade de contribuir para a persistência de um sistema de relações humanas que estimula a condição de pertença à comunidade. Comunidade que, se atenta aos elementos humanos, sociais, culturais e físicos e às produções resultantes, pode resistir à tendência para o abandono e pode resistir à chegada de nova Comunidade, que busque o paradigma de “vida tranquila”.

Ainda que o fenómeno de *restanza* possa contribuir para um confronto entre a Comunidade que reside e uma que possa chegar com intuito de regenerar a vida urbana no lugar, parece que, da observação efectuada, apenas

onde a paisagem e o seu tratamento, produtivo ou para lazer, é considerada como elemento que dá sentido ao modo de vida estabelecido, apenas aí será possível contrariar a Perda a que todo o mundo rural está submetido.

E se o Lugar se extingue, apenas resta à paisagem envolvente transformar-se em sítio pitoresco como acontece em Castelo Mendo, ou de exploração extensiva como em Grandes ou, com outra capacidade de resistência ao abandono, em Bemposta. Apenas em Sobral de S. Miguel foi possível identificar laços fortes entre o modo de vida e a sua dependência da utilização da paisagem, enquanto paisagem produtiva. Até em Las Hurdes, o emprego no sector dos serviços acabou generalizadamente por transformar os lugares em “pousos” temporários ou de “uso horário”, o que agrava a questão da paisagem, não estando atendida, acabar por ser uma ameaça ao edificado existente, por questões ambientais.

A questão da gestão dos recursos paisagísticos tem que ser observada com atenção especial, tendo em conta a sua manutenção, dificuldade que ameaça o desenvolvimento equilibrado e que limita as oportunidades e condições de desenvolvimento regenerativo. Procura-se com este trabalho pôr em evidência elementos que possam contribuir para a identificação das características da relação das formas de

povoamento e ocupação do solo com a paisagem produtiva, como se referia no encontro académico que teve lugar em Valladolid sobre o tema “Paisages Activos”.

Aí, no debate havido, transpareceu a ideia da importância em ter um tema para o desfrute da paisagem, em especial quando o Lugar a que se refere se tenha extinguido, para evitar o total desinteresse sobre os valores que se podem associar ao contínuo do território não construído, com consequências ambientais incontroláveis a médio prazo, para além do referido aspeto do desperdício de recursos, naturais e de produção humana.

A paisagem representa o elemento ligante da organização social, e suporte da vida humana, sendo que a persistência das suas formas constitui um factor decisivo no equilíbrio do modo de vida, seja pela sua capacidade de, em geral ser o “alimento” da subsistência seja pela capacidade em regenerar o ambiente “vivível”. Tratar a paisagem com esta perspectiva permitirá a tantos Lugares em Perda regenerar-se e poderá estimular uma fixação para uma “vida digna” a quem os habite, permanentemente ou ocasionalmente.

Os “ausentes presentes” tendem a garantir uma atenção particular para com os elementos caracterizadores do Lugar e assim estimular um

olhar cuidado para com os aspetos definidores da articulação entre os valores reconhecíveis e reconhecidos.

Será assim mais realizável a reversão da Perda?

Ou como em Gibelina, se poderá, com uma monumentalização, imortalizar o Lugar?

Este trabalho procura por em debate as duas questões centrais do problema dos Lugares em Perda:

por um lado as condições de resistência ao abandono que resulta do desatendimento a que aqueles Lugares estão submetidos, condições que se ancoram no modo de vida e na sua relação com a paisagem produtiva;

por outro na importância de cuidar a paisagem enquanto recurso primordial da vivência humana, na sua dimensão produtiva e lúdica, de modo a salvaguardar a sua participação na vida da Sociedade e contribuir para a resistência à Perda.

LUGARES EM PERDA NA RAYA SECA VIDAS E PAISAGENS

Rui Braz Afonso

*Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

El futuro pasa por la construcción de un paysage vivo, evolutivo e seguro, en el qual la simbiosis entre la humanización y el paysage sea un activo social, organizativo y económico de referencia.

Fernanda do Carmo, D. G. Território, 2023.

MODOS DE VIDA

Mirando el territorio del interior limítrofe ibérico se percibe un desatender, una desprotección, un descuido de las condiciones de mantenimiento de los elementos que sustentan la vida humana. Observando algunos de los lugares de la Raya, se pueden identificar algunos de los efectos de esta desprotección sobre los modos de vida tradicionales, ligados al mundo rural, que pueden significar el abandono de los pequeños núcleos urbanos, su transformación con nuevas formas de ocupación del territorio, por lo general ligadas al cultivo de la tierra y las nuevas construcciones relacionadas con la alteración de la vida humana, o incluso la transformación del paisaje para acoger las nuevas funciones de las actividades económicas, ya sean estas productoras de bienes o servicios, como las plataformas industriales y logísticas, o bien para la acogida de extranjeros en busca del bienestar asociado a la vida al aire libre inmersa en la “naturaleza” o en busca de entornos vinculados a los modos de vida tradicionales, la denominada “frucción lenta del territorio”.

El territorio está sujeto a fuertes presiones por parte de la sociedad, con personas solicitando adecuaciones a sus requerimientos bajo la perspectiva de una mejora de las condiciones de vida, siendo los agentes de transformación en busca de una nueva imagen social, identitaria y reconocible a nivel local y supra local. La caracterización del carácter identitario implicará la

construcción de un observatorio permanente de manera que se pueda conocer e interpretar la realidad y las transformaciones que acontecen, elaborando un ábaco de los elementos que lo caracterizan con el fin de definir una jerarquía de los valores reconocibles que permita establecer una mirada capaz de imponerse como una fuerza centrípeta agregadora de las “fuerzas vivas”, como energía impulsora de la puesta en valor del territorio en su totalidad.

Se trata de construir un “depósito vivo” de valores reconocibles y reconocidos del patrimonio construido identificable, físico ambiental y paisajístico, y del patrimonio inmaterial y simbólico, como un “tesoro” que deberá ser defendido y mantenido abierto al servicio de la comunidad presente en el territorio y de quienes reclaman el origen de la cultura local, estimulando su enriquecimiento permanente a través de contribuciones pertinentes que acrecienten la capacidad de interpretación de Restos y Rastros.

Un primer paso será identificar esos elementos e interpretar su participación e interacción en el conjunto de los elementos de los varios dominios para entender el papel de cada uno por sí en la definición del “espíritu del lugar”, con sus propias características y, por lo tanto, diferente y único, resistiendo al efecto tendencialmente arrollador del “parque temático”, donde personas en busca de la “identidad perdida” y con gran poder de adquisitivo se enfrentan con locales que generalmente son considerados “divertidos”, pero sin capacidad para defenderse de los valores que terminan siendo “engullidos” con sus usos y costumbres por la demanda.

Una cuestión que se presenta como relevante en esta confrontación es el problema de la “modernización”

de costumbres y de reivindicaciones, de satisfacción de nuevas necesidades y aspiraciones. Y la tendencia es volver a habitar y vivir, pero con condiciones que provocan la destrucción de preexistencias que caracterizan la identidad local, con consecuencias degradantes para la calidad de vida, con intervenciones de adaptación a las nuevas exigencias, decididas a veces con criterios agresivos para el territorio, para el medio ambiente y para el entorno construido, con tendencia a disminuir el valor atribuido al lugar. Estas formas de dominio del territorio conducen a un mimetismo no siempre relacionado con la tradición local y que tienden a adulterar el ambiente y la imagen de los conjuntos construidos.

Uno de los lugares en pérdida observados plantea este problema de manera flagrante. El caso de Las Hurdes, en lo que el retorno de población emigrada hacia centros productivos de alta productividad causa una “modernización” de la manera de utilizar el lugar, para que así se adapten a las exigencias absorbidas “de fuera” y que se trasladan hacia “adentro”, causando transformaciones en los hábitos y las costumbres de las gentes, que la introducción de lo “nuevo”, casi siempre de manera inculturada, provoca.

El proceso que así se desencadena acaba por producir un cambio del estilo de vida y de su relación con los elementos que caracterizan el “espíritu del lugar”, creando contrastes entre “los modernos” y los que viven “a la antigua”, haciendo acelerar y sustitución de las calidades de la vida humana, y transformando aquellos elementos rumbo a una nueva manera de interpretarlos, de asimilarlos y de integrarlos en el estilo de vida.

Este fenómeno tiende a degradar las relaciones de

dichos elementos entre ellos y a producir un cambio de su interacción en el conjunto, creando condiciones de pérdida del sentido de pertenencia, empeorando la condición de pérdida. Al creer que se promueve el bienestar, se acaba por difundir a la idea de la imposibilidad de una repoblación conectada al paisaje productivo, así como por instalar la dimensión de “pueblo de veraneo en el entorno rural” o “parque temático de la antigua vida”, como parece ser el caso de Castelo Mendo.

Aquí, con la vida del campo abandonada, que, con su limitada producción, no resiste a la invasión del producto agrícola “envasado” de los centros de distribución, se degrada la relación con el paisaje productivo, quedando solamente un conjunto construido que resiste al paso del tiempo, pero que, debido al envejecimiento de los residentes, se va quedando “vacío”, creando atracción para que lo puedan ocupar las gentes urbanas “en búsqueda del tiempo perdido”, de la “vida auténtica en lugar auténtico”, corrompiendo el carácter del lugar, para usar la expresión de Richard Sennett, obligando los residentes a tomarse la condición de potenciales nuevos “siervos de la glebe”.

Más allá, en Bemposta, el fenómeno del abandono en la vida del campo se ha encontrado con un elemento de resistencia a la descaracterización, en parte debido a la acción de naturales no residentes, que, de manera organizada, han seguido promoviendo el estudio y valoración de los elementos que caracterizan el carácter del lugar y del “espíritu del lugar”, contribuyendo a disminuir el abandono y exaltando el sentido de pertenencia, con la consiguiente defensa de los valores locales.

Y al considerar los lugares abandonados, consecuencia de crisis de la producción agrícola y del envejecimiento generacional, o porque se les ha asociado en el tiempo una maldición, un confrontación violenta de personas, vemos a ruinas que son la memoria de otros estilos de vida y de otras expectativas, que no resistieron a la atracción de la vida urbana, sino que se imponen como monumentos a la vida rural, a la vida en el campo de otros tiempos. Asimismo en el territorio se observan ruinas de otros tiempos, pero asociadas a un estilo de vida con vínculos a la cultura del ocio, a veces ubicadas en lugares “aislados”, o grandes áreas resultantes de utilización conectada a instalaciones implantadas para responder a búsquedas efímeras, que no se reconvirtieron para resolver nuevas necesidades, constituyéndose como heridas agrestes en el paisaje tranquilo.

Y además, el tema de la relación de los lugares en pérdida con el paisaje e de cómo el estilo de vida de los residentes se apoya en la explotación productiva del paisaje, creando condiciones de permanencia más firmes, y de resistencia al abandono. El caso de Sobral de S. Miguel parece ilustrativo de este principio, puesto que parece que es un Lugar donde existe un fuerte incentivo al reconocimiento de la identidad propia, y de la importancia de las relaciones establecidas entre el lugar y su envolvente paisajística como creadora de producción que contribuye a la persistencia del estilo de vida, y para frenar el abandono con la convicción de que se vuelva reversible.

MODOS DE VIDA Y PAISAJE

El Lugar se vacía y sufre la *desatención*. La comunidad de residentes, en otros lugares, pueblan su imagen en la memoria, como dice Vito Teti. La memoria de los lugares de origen, alimentada por migrantes, sobrevive y se refuerza, en lugares virtuales, recreando un sentido de identidad y de pertenencia que alimenta a esperanza de un regreso a la vida rural. Pero lo que se pierde y que dificulta ese regreso al paraíso es la pérdida de la relación con el paisaje.

Un lugar en el mundo rural se extingue cuando se pierde la relación de los residentes con el paisaje productivo que les “alimenta” y que permite defender el estilo de vida “natural y tranquilo” al que se atribuye la calidad de contribuir a la persistencia de un sistema de relaciones humanas que estimula la condición de pertenencia a la comunidad, la cual, al fijarse en los elementos humanos, sociales, culturales y físicos y a las producciones resultantes, puede resistir a la tendencia para el abandono y puede resistir a la llegada de una nueva Comunidad, que busque el paradigma de “vida tranquila” o el de la “vida digna”.

Aunque el fenómeno de restanza pueda contribuir a una confrontación entre la Comunidad residente y una que pueda llegar con la intención de regenerar la vida urbana en el lugar, parece que, de la observación realizada, apenas donde el paisaje y su tratamiento, productivo o para el ocio, se considera como elemento que da sentido al estilo de vida establecido, solo ahí será posible contrarrestar la Pérdida a la que está sometido todo el mundo rural. Y si el Lugar se extingue, al paisaje envolvente solo resta transformarse en lugar pintoresco como sucede en Castelo Mendo, o de explotación

extensiva como en Grandes o, con otra capacidad de resistencia al abandono, en Bemposta. Solamente en Sobral de S.Miguel ha sido posible identificar fuertes lazos entre el estilo de vida y su dependencia de la utilización del paisaje, como paisaje productivo.

Hasta en Las Hurdes, el empleo en el sector de los servicios acabó generalmente transformando los lugares en “descansos” provisorios o de “utilización horaria”, lo que empeora la cuestión del paisaje, no estando atendida, acaba siendo una amenaza a lo edificado existente, por cuestiones medioambientales.

Se debe observar con atención especial la cuestión de la gestión de los recursos paisajísticos, teniendo en cuenta su mantenimiento, dificultad que amenaza al desarrollo equilibrado y que limita las oportunidades y condiciones de desarrollo regenerativo. Con este trabajo, se busca poner de evidencia a elementos que puedan contribuir a la identificación de las características de la relación de las formas de poblamiento y ocupación del suelo con el paisaje productivo, tal y como se refería en el encuentro académico que ocurrió en Valladolid sobre el tema de “Paisajes Activos”.

Ahí, en el debate que se realizó, se ha vislumbrado la idea de la importancia de tener un tema para que se disfrute del paisaje, sobre todo cuando se haya extinguido al Lugar al que se refiere, para evitar el total desinterese sobre los valores que se puede asociar al continuo del territorio no construido, con consecuencias medioambientales incontrolables a medio plazo, para allá de dicho aspecto del desperdicio de recursos, naturales y de producción humana.

El paisaje representa el elemento aglutinante de la organización social, y soporte de la vida humana, siendo que la persistencia de sus formas constituye un factor decisivo en el equilibrio del modo de vida, sea por su capacidad de, en general, ser el “alimento” de la subsistencia, sea por la capacidad de regenerar el entorno “vivable”. Tratar el paisaje con esta perspectiva permitirá que tantos Lugares en Pérdida se regeneren, mientras que podrá estimular una fijación para una “vida digna” a quienes habite en ellos, de modo permanente u ocasional.

Los “ausentes presentes” tienden a garantizar una atención particular hacia los elementos que caracterizan el Lugar y así incentivar una mirada cuidada hacia los aspectos que definen la articulación entre los valores reconocibles y reconocidos.

¿Acaso será así más realizable la reversión de la Pérdida?

O como en Gibelina, ¿se podrá con una monumentalización inmortalizar al Lugar?

Este trabajo intenta discutir las dos cuestiones centrales del problema de los Lugares en Pérdida:

por una parte, las condiciones de resistencia al abandono que resulta de la desatención a la que aquellos Lugares están sometidos, condiciones que se anclan en el estilo de vida y en su relación con el paisaje productivo;

por otra parte, en la importancia de cuidar el paisaje como recurso primordial de la vivencia humana, en su dimensión productiva y lúdica, a fin de salvaguardar su participación en la vida de la Sociedad y contribuir a la resistencia a la Pérdida.

RESTOS Y RASTROS
Miguel Martín Hernández

RESTOS Y RASTROS

Miguel Martín Hernández

Fotógrafo Paisagista

PUEBLOS MALDITOS

GRANDES

[40.9802475, -6.2138924]

PORQUERIZA

[40.9729864, -5.9671404]

FINCA MALLADAS

[40.0081255, -6.7210265]





























BEMPOSTA

[40.0764938, -7.2070228]

















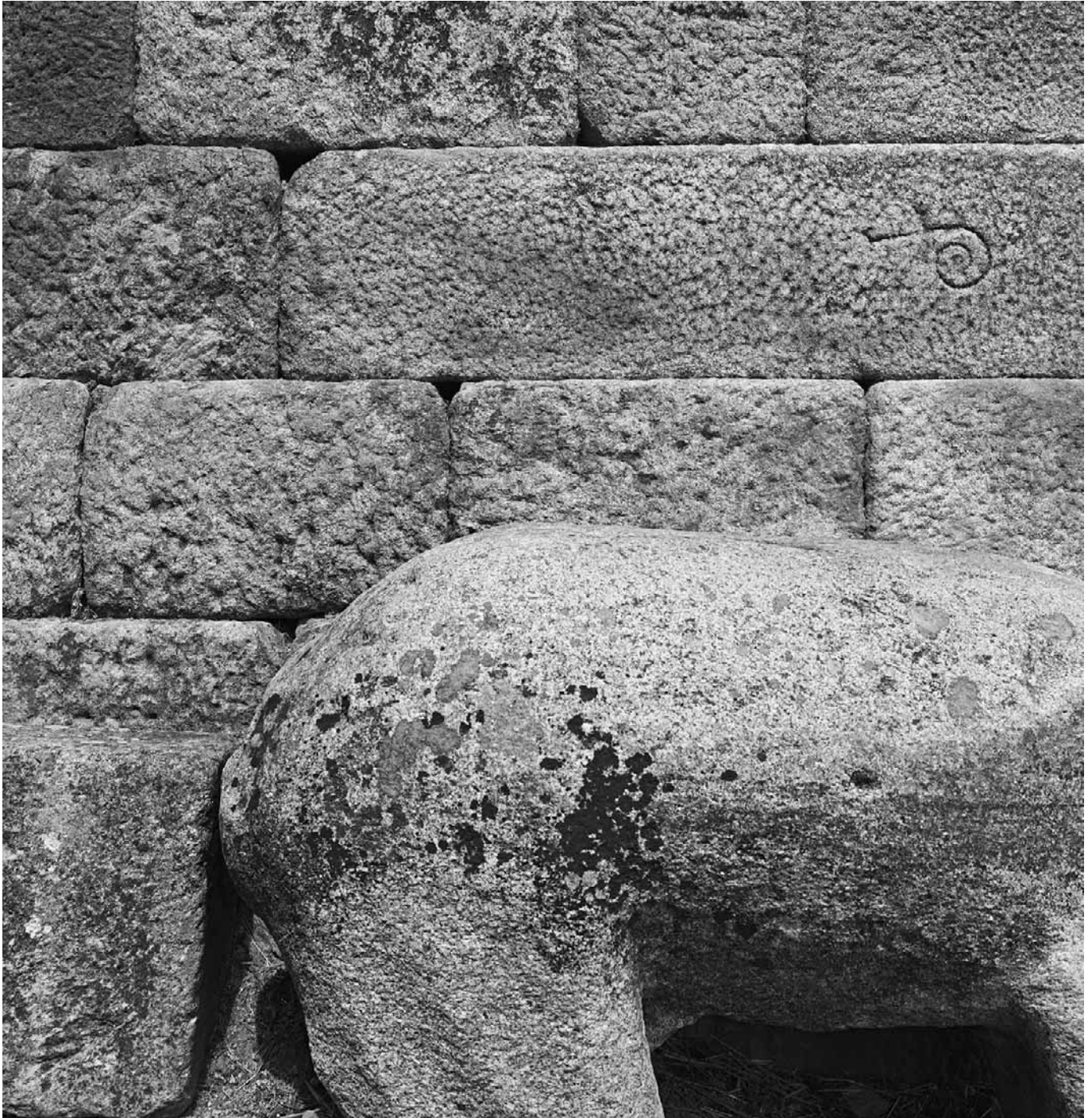




CASTELO MENDO

[40.5923166, -6.9467684]























SOBRAL DE SÃO MIGUEL
[40.2126071, -7.7527496]

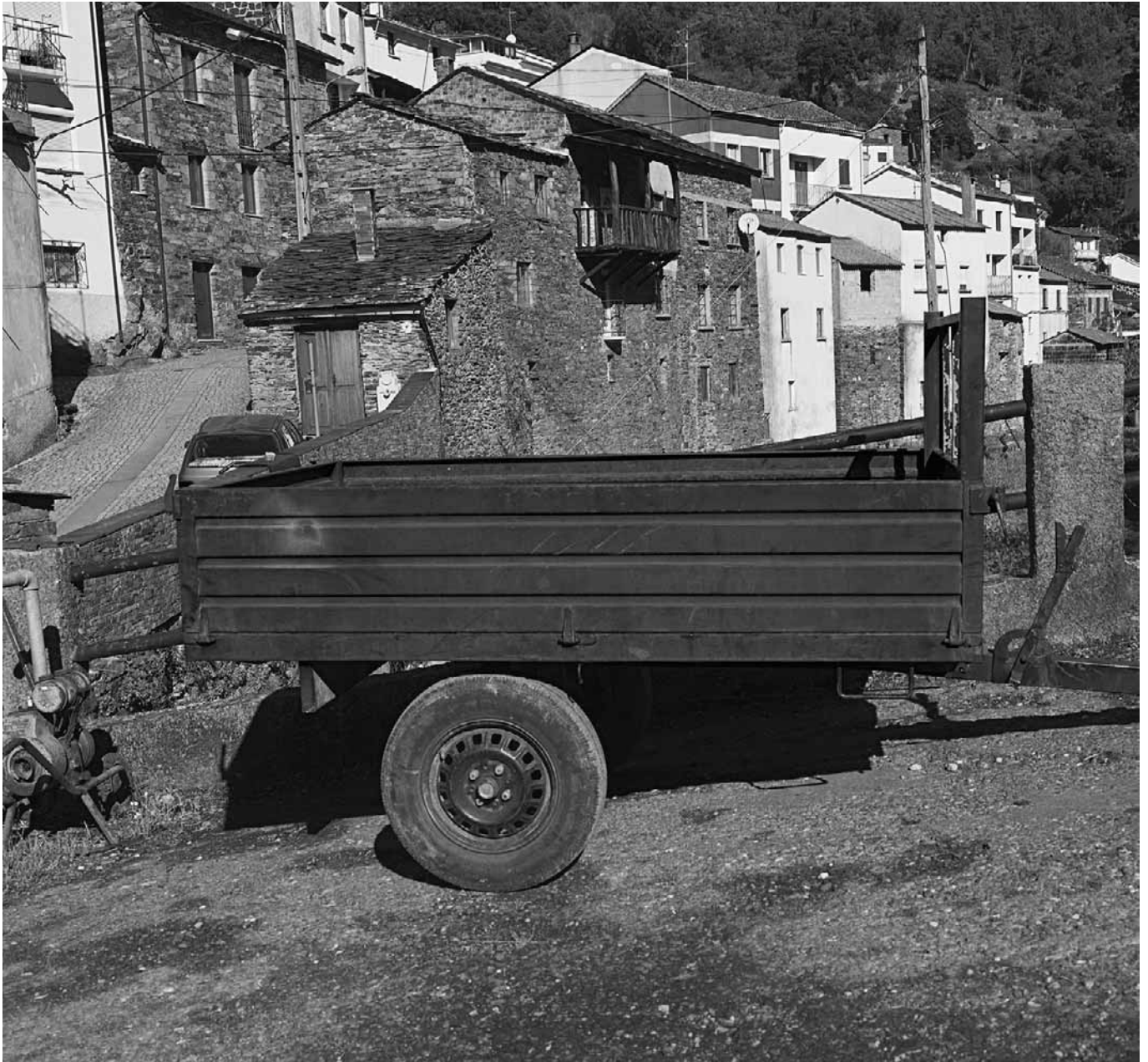




















LAS HURDES

[40.4380886, -6.1474464]











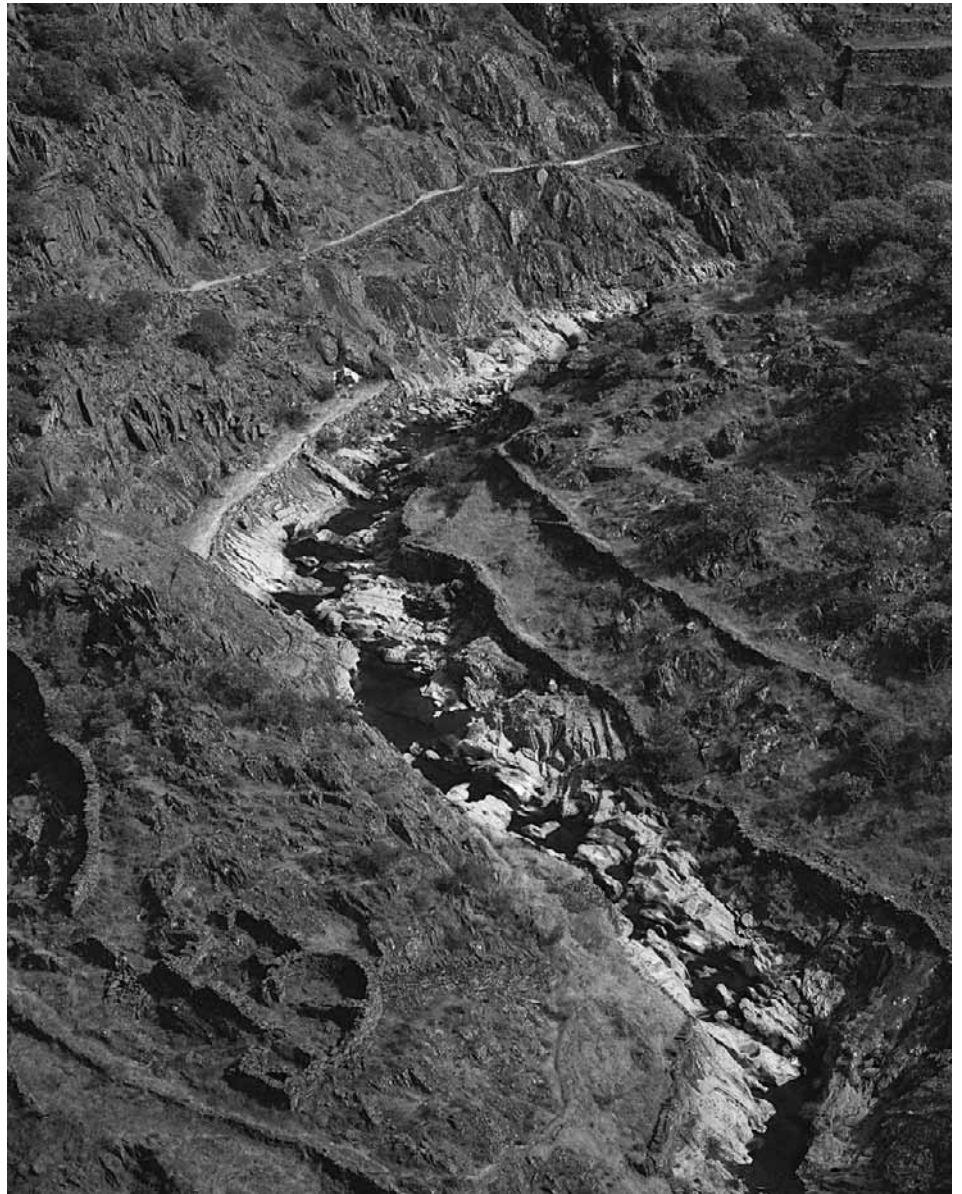












CARRETERA N-620
ESTRADA NACIONAL 16



















Acabou de ser impresso nas instalações da Multitema,
Porto, findo o solstício de verão e com o equinócio de
outono já em nós.

